

IV PROJETAR 2009

PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA

FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL

Outubro 2009

EIXO:
SITUAÇÃO

TÍTULO:
QUANDO A HABITAÇÃO COLECTIVA ERA MODERNA
desde Portugal a outros territórios de expressão portuguesa. 1940-1974

AUTOR:
INÊS LIMA RODRIGUES

QUALIFICAÇÃO:
Arquitecta. Doctoranda E.S.T.A.B.-UPC, Barcelona
Calle Poeta Cabanyes, n.18 1º1ª 08004 Bracelona
rodrigues.ineslima@gmail.com

RESUMO

A análise confronta Portugal, o Brasil e outros territórios de expressão portuguesa, perante a **herança cultural arquitectónica portuguesa em torno dos princípios modernos da habitação colectiva entre 1940 e 1974.** 01

O fio condutor é justamente a cultura arquitectónica portuguesa.

A partir do estado da questão da arquitectura em Portugal, entre a simbiose do Moderno e do Tradicional, a investigação se estende em primeiro plano ao caso do Brasil. Se procura definir a **reciprocidade do processo e movimento de influências arquitectónicas na definição do habitar moderno.** Da vasta área existente dos territórios ex-ultramarinos, o estudo incide sobre o caso fulcral de Angola e Moçambique, Macau e a cidade de Goa, onde os arquitectos portugueses foram os responsáveis directos da chegada da modernidade a lugares e contextos tão díspares.

Realiza-se uma aproximação ao entendimento, como a colonização portuguesa se transforma num argumento em condições de apoiar a especificidade do moderno nos vários territórios em questão.

Se pretende a identificação dos **elementos de referência do sistema inerente à habitação moderna:** desde a cidade à tipologia, de modo a contribuir **à concepção arquitectónica através do projecto,** superando o seu carácter estritamente teórico e centrando a atenção nos aspectos básicos da sua concepção assim como nos critérios essenciais do habitar urbano.

Se tem como objectivo desenhar alguns dos guiões da habitação colectiva em países de história comum com o objectivo de registar as abundantes provas de uma inter-influência cultural e simultaneamente contribuir à divulgação da arquitectura moderna e à valorização do projecto como processo investigação arquitectural.

Se procura a **UNIDADE dentro da DIVERSIDADE,** tentando definir a **IDENTIDADE** da habitação colectiva portuguesa de expressão portuguesa.

Através do estudo da Forma, entendido como um conjunto de relações e significados, se pretende caracterizar a melhor arquitectura do século XX e simultaneamente registar o marco histórico e teórico da sociedade do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitectura Moderna, Habitação Colectiva, Países de expressão portuguesa.

EIXO: Situação

ABSTRACT

02 The analysis confronts Portugal, Brazil and other Portuguese speaking territories, before the **Portuguese architectural heritage around the principles of modern collective housing between 1940 and 1974**.

The main thread is exactly the Portuguese architectural cultural.

From the state of the art of architecture in Portugal, the symbiosis between the modern and the traditional, research extends to the fore in the case of Brazil. It tries to define the **reciprocity of the process and movement of architectural influences in the definition of modern living**. The existing wide area of the former overseas territories, the study focuses on the central case of Angola and Mozambique, Macao and Goa, where Portuguese architects were directly responsible to the arrival of modernity in such different places and contexts.

It also takes place a closer understanding how the Portuguese colonization becomes an argument in supporting the specificity of the modern in several territories in question.

The research tries **to identify the fundamentals inherent to the modern house system** - from the city to the typology, **in order to contribute to the architectural design of the project through**, overcoming the strictly academic (or conceptual) nature, and focusing attention on basic aspects of its design and on the essential criteria of urban living.

Additionally, it aims to draw some of the guidelines of the collective housing in countries sharing a common history in order to record the abundant evidence of an inter-cultural influence and simultaneously contribute to the dissemination of modern architecture and the enhancement of architectural design and research process.

The project pretends to search (or to discuss) the **UNITY in the DIVERSITY**, trying to establish the **IDENTITY** of the collective housing Portuguese expression.

Finally, through the study of form, understood as a set of relationships and meanings, we intend to better characterize the architecture of the twentieth century and simultaneously to underline the historic and theoretical society landmarks of the XXI century on the subject.

KEYWORDS: Modern Architecture, Collective Housing, Portuguese speaking territories.

AXIS: Situation

RESUMEN

El análisis confronta Portugal, Brasil y otros territorios de expresión portuguesa, poniendo de manifiesto la **herencia cultural arquitectónica portuguesa alrededor de los principios modernos de la vivienda colectiva, entre 1940-1974.** 03

El hilo conector es justamente la cultura arquitectónica portuguesa.

Desde el estado de la cuestión de la arquitectura en Portugal, entre la simbiosis del Moderno y el Tradicional, la investigación se alarga en primero plano al caso particular del Brasil. Se intenta definir **la reciprocidad del proceso y el movimiento de influencias arquitectónicas en la definición del habitar moderno.** La amplia zona de los antiguos territorios de ultramar, el estudio se centra en el caso central de Angola y Mozambique, Macau y la ciudad de Goa, donde los arquitectos portugueses fueron los responsables directos de la llegada de la modernidad en diferentes lugares y contextos.

Se realiza una aproximación al entendimiento, cómo colonización portuguesa se convierte en un argumento en una posición de apoyo a la especificidad de la modernidad en diversas áreas en cuestión.

Se pretende la **identificación de los elementos de referencia inherentes al sistema de la vivienda moderna:** desde de la ciudad a la tipología, **a fin de contribuir a la concepción arquitectónica a través del proyecto,** superando su carácter estrictamente teórico y centrando la atención en los aspectos básicos de su concepción sino también en los criterios esenciales del habitar urbano.

Se tiene por objetivo dibujar algunos de los guiones de la vivienda colectiva en países con una historia común con el fin de registrar las abundantes pruebas de una influencia entre las culturas y, al mismo tiempo contribuir a la difusión de la arquitectura moderna y a la valorización del proyecto como proceso de investigación arquitectural.

Se pretende encontrar la **UNIDAD en la DIVERSIDAD,** intentado definir la **IDENTIDAD** de la vivienda colectiva de expresión portuguesa.

A través del estudio de la forma, entendida como un conjunto de relaciones y significados, se pretende caracterizar la mejor la arquitectura del siglo XX y a la vez, registrar el marco histórico y teórico de la sociedad del siglo XXI.

PALABRAS-LLAVE: Arquitectura Moderna, Vivienda Colectiva, Países de expresión portuguesa.

EJE: Situación

QUANDO A HABITAÇÃO COLECTIVA ERA MODERNA

Desde Portugal a outros territórios de expressão portuguesa. 1940-1974.

04

O presente estudo centra-se na **Arquitetura Moderna Portuguesa**, incidindo no âmbito da **Habitação Colectiva**. Confronta Portugal, o Brasil e outros **territórios de expressão portuguesa**, como Angola e Moçambique em África, Macau na China e ocasionalmente a cidade de Goa na Índia. Confronta os diversos territórios, perante a herança cultural arquitectónica em torno dos princípios modernos do habitar.

Consiste numa investigação aberta, mutável e transformável, consoante novas informações e conclusões, o que justifica a incompleta "narrativa" num campo aberto à reflexão sobre a intensidade destes percursos.¹

O estudo parte da escala da cidade até ao objecto em si, dando relevância ao bairro, à unidade de vizinhança, ao edifício e à tipologia, valorizando a originalidade e a especificidade de cada projeto. Se destacam as propostas paradigmáticas em Portugal e também as repercussões que existiram nos outros territórios, sustentando que a habitação colectiva é uma manifestação própria da modernidade. O âmbito do estudo está compreendido entre 1940 e termina com o particular ano em Portugal de 1974, com a Revolução dos Cravos.

Os **ensaios sobre a arquitetura moderna** são hoje um importante tema de debate arquitectónico, assim como, o **eminente problema em torno da habitação urbana**. A oportunidade de unir estes dois parâmetros, à divulgação de casos da arquitetura portuguesa quase desconhecidos a nível mundial, constituirão um importante documento, não só, para o entendimento da Arquitetura Moderna Portuguesa, como também, para o aumento do espólio da Arquitetura Moderna Mundial.

Pretende-se assim, abrir uma hipótese de reflexão sobre os sentidos da colonização, numa perspectiva de entender também como um território novo exprime a sua vontade de devolver ou assimilar aquilo que recebeu. Retoma-se a colonização portuguesa como um imaginário de capacidade regenerativa, permitindo uma visão de independência e simultaneamente de valorização do património da arquitetura moderna.

Pretende-se entender, se Portugal conseguiu de alguma forma, impor mecanismos de exportação cultural e arquitectónica em cidades que eventualmente, só por si, não teriam força para dinamizar-se, analisando a temática urbano-arquitectónica de raiz, influência e contexto cultural português; aspecto que muda totalmente e radicalmente depois da Revolução de 1974 e o conseqüente derrube do sistema político ditatorial de Oliveira Salazar e a passagem à democracia.

Delfim Amorim no Recife, **Manuel Vicente** ou **Chorão Ramalho** em Macau, **Pancho Guedes** ou **José Tinoco** em Maputo, ou o brilhante **Vasco Vieira da Costa** em Luanda, são alguns exemplos de arquitetos portugueses, responsáveis directos de levar a modernidade a contextos e lugares tão diversos. Através de edifícios de qualidade ímpar, registam as provas da forte inter-influência, sedimentação da memória arquitectónica e da forte cultura existente.

A figura de **Le Corbusier e os Congressos dos CIAM** (principalmente os três primeiros que incidiram sobre o tema da habitação mínima),² são sem dúvida peças chave de ligação em todo este processo. Tudo passa por situar Le Corbusier (1887-1965) no campo direccionado em torno da casa no espaço habitável das cidades dos diversos territórios. Identificar a aplicação dos princípios corbusianos em Portugal Continental e o modo como se expandiram desde a realização do 1º Congresso de Arquitectura em 1949, na cidade de Lisboa. Localizá-lo no quadro cultural brasileiro, onde "muito embora haja um passado moderno – ou modernista – em gestão desde meados dos anos 20, o mestre franco-suiço é muitas vezes identificado como figura central da sua consolidação."³ De uma maneira mais indirecta será possível colocá-lo na esfera africana, principalmente nas grandes cidades de Maputo e Luanda. Vasco Vieira da Costa trabalha com Le Corbusier entre 1945 e 1948 e um ano mais tarde apresenta para a obtenção do título de arquitecto na Escola de Arquitectura do Porto a "Cidade-Satélite para Luanda". Para Vieira da Costa, racionalista pragmático, os "axiomas do Mestre" constituem a sólida orientação da intuição que se educa na prática do atelier: "... Urbanization of Saint-Dié (45); Urbanization of la rochele – Pallice (45-46), L'unité du Habitation Marseille (46-52); plans d'Urbanization de Marseille (46-52) et Marseille-Veyne (47)...."⁴ Pela mão de Amâncio Guedes ver-se-ão aplicados os princípios modernos com uma grande originalidade e singularidade de adaptação às especificidades locais moçambicanas.

1_ O trabalho desenvolvido no âmbito da investigação em curso do programa de Doctorado Projectos Arquitectónicos, linha Forma Moderna, ESTAB-UPC, Barcelona.

2_ O I Congresso dos CIAM realiza-se em 1928 (Suíça) e debateu-se principalmente os temas do urbanismo do ponto de vista da zonificação e da produção industrial, propondo uma política do solo colectiva. O II CIAM, realizado no ano seguinte em Frankfurt, sob o tema "Estudo da Habitação Mínima" e o III CIAM realiza-se em Bruxelas com o tema "Divisão racional do solo."

3_ MILHEIRO, Ana Vaz, "A Construção do Brasil, Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa", Faup Publicações, p.26.

4_ MENDES, Manuel Augusto, "Cidade-Satélite nº3", p.12.

Na Índia a vasta obra de **Le Corbusier** caracteriza o país e influencia directamente toda uma geração de arquitectos. A cidade de Chandigarh torna-se um paradigma para o país e abre o acesso e a interligação cultural entre a Índia e a Europa.

A obra de Le Corbusier ou a sua influência directa são interpretadas com uma espécie de globalização, no entanto com um sentido mais humano e perspicaz, que a afasta logo à partida, ao sentido comum intrínseco ao conceito nos nossos dias. E... se de facto, se tem que caminhar para um "Mundo Global" por imperativos económicos que fogem ao controle do cidadão comum, seria muito mais interessante que fosse através da arquitectura de Le Corbusier que pela esmagadora proliferação dos Mac Donald's.

É precisamente, a partir do estudo do conjunto e o (re)conhecimento global destas arquitecturas e dos seus autores, que se começam a criar e a entender as relações arquitectónicas que extrapolaram os territórios nacionais e ampliaram o espólio da arquitectura moderna portuguesa. Uma *Viagem dos significados*, sobre a capacidade do vocabulário da arquitectura moderna portuguesa, neste caso através da habitação colectiva, ter atravessado o mundo e ter deixado marcas registadas em tantos sítios diferentes (da África à Ásia, da Europa à América). As memórias e as representações de um discurso, uma utilização livre do moderno, às vezes imprevisível e espontânea, outras vezes mais conforme segundo os pressupostos; em ambas as situações: sempre surpreendentes.

A análise no conteúdo das revistas de arquitectura da época como indício dos caminhos realizados constitui a base teórica da metodologia. Nuno Portas perguntava recentemente numa conferência em Barcelona,⁵ "Será que Le Corbusier tinha tido a importância tão relevante na História da Arquitectura se não fosse através do protagonismo dado através da revista "L'Architecture d'Aujourd'hui"? ou a arquitectura inglesa e o TEAM 10 sem o apoio da revista "Architectural Design?" Analogamente pode-se interrogar a forte influência da arquitectura moderna brasileira em Portugal se não tivesse existido a revista "Arquitectura" e os numerosos artigos dedicados ao tema? Será que a equipa de A' thougua e Sanches tinha realizado o projecto do bairro das "Estacas" em Lisboa se não fosse a enorme publicidade nas revistas da especialidade sobre arquitectura moderna brasileira?

Fernando Távora, reconhecido arquitecto português, desde estudante e durante toda a sua prática profissional, viajou incessantemente para estudar in loco a arquitectura de todas as épocas em todos os continentes, utilizando-a também como conteúdo e método da sua actividade pedagógica. Considera-se a observação in loco como parte integrante do processo arquitectónico e uma etapa integrante da prática da arquitetura. "Há quanto tempo viajamos? Porquê? Porque se não olhamos não vemos." ⁶

Paralelamente, assume-se a vital importância no processo de investigação do **(re)conhecimento dos fundamentos do projeto**. Realiza-se uma primeira aproximação ao objecto à escala urbana, onde se centra a análise sobre o processo de desenho (no momento da sua produção), seu modelo de cidade e a sua posterior análise a nível do âmbito arquitectónico: o modelo tipológico e as ideias predominantes do processo de projeto (implantação, estrutura, configuração planta térrea e relação com o espaço público, configuração do edifício, tratamento plástico dos volumes, desenho dos detalhes. Tenta-se identificar a **estrutura dos fenómenos da Forma Moderna**, através da coerência dos seus acontecimentos, identificando as suas inflexões e sobretudo os critérios de construção que fundamentam a sua forma. Pretende-se através da análise projectual identificar as raízes e as pontes do problema da habitação moderna. Partindo dos pressupostos das pautas de investigação da Forma Moderna do departamento de Projetos Arquitectónicos ESTAB-UPC, a análise se centra na interpretação da Forma como um sistema de relações visuais e de sentido no qual se valoriza o sujeito da experiência, através do seu sentido estético e crítico. ⁷ Procura-se a simbiose da aplicação dos valores modernos entre países tão díspares analisando através do projeto arquitectónico, tendo por objectivo, contribuir ao registo e à divulgação da arquitetura moderna de expressão portuguesa e à valorização do desenho como processo arquitetural.

Através de uma narrativa em aberto, e assumindo a limitação de algum material, tenta-se ir dando forma ao projeto das Arquitecturas Comparadas, de modo a contribuir à concepção arquitectónica através do projeto,

5_Conferência de Nuno Portas, realizada no "II Seminário Portugal Convida", no FAD em Barcelona, 12 de Junho de 2008

6_Alves Costa, Conferência sobre "VilaNova Artigas", Casa da Cerca, Almada, Fevereiro 2001.

7_GASTÓN, Cristina, ROVIRA, Teresa, "El proyecto Moderno. Pautas de Investigación", Ediciones UPC.

superando o seu carácter estritamente teórico e, ao mesmo tempo, centrar a atenção nos aspectos básicos da sua concepção, assim como, nos critérios essenciais do acto de projectar.

Parafraseando Álvaro Siza, a capacidade de relacionar coisas e ideias distintas, é a capacidade de ver realmente. Ao propor estudos comparados, planifica-se para encontrar tanto as continuidades (regularidades) como as descontinuidades (diferenças).

Não existe qualquer tipo de intenção de reunir a história da arquitetura global de mais de três décadas, mas sim pôr em manifesto uma confrontação de projetos (realizados, ou não! Ainda de pé, ou não!), significativos no seu sentido estético e funcional e que de alguma forma influenciaram o habitar moderno português.

À parte dos projetos mais significativos do ponto de vista representativo da perspectiva portuguesa, pretende-se incluir neste estudo, obras de arquitetos estrangeiros desde que relevante no contexto da cidade e que contribuam de forma decisiva para o âmbito do trabalho. Pretende-se, também incluir obras pouco, ou nada, documentadas nas publicações existentes sobre o tema, projetos não realizados, ilustrando os conceitos e as concepções dos arquitetos e, também, de edifícios que hoje já foram demolidos, para que não caiam de todo no esquecimento. "Quantos passos, quantos gestos, quantas palavras e acções, quanto desenho ficou no segredo dos meus muros, quanta potencialidade transformadora estiolou sem debate ou abertura ao exterior?"⁸

Pensar a arquitetura como um ensaio, como o projectar, é um caminho para identificar e compreender o problema, neste caso sobre as formas de residência urbana. Tem-se por objectivo **encontrar a identidade dentro da diversidade** da arquitetura moderna portuguesa através da criação de um mapa de terminologias que expliquem o interesse sobre o tema clarificando ao máximo, por um lado o significado real dos términos e por outro a relação entre eles, **criando novas pautas de investigação na área de projeto em arquitetura**. O estudo da arquitetura prova-se no projeto e pelo projeto.

Acredita-se que os parâmetros da actual análise, incidindo no projeto como investigação arquitectónica, pode e deve ser contemplado na área do ensino. Hoje em dia, o primeiro objectivo das Escolas de Arquitetura a nível mundial continua sendo o fomentar e desenvolver projetos de arquitetura. No entanto, a realidade é, como todos sabemos, que existem muito poucos arquitetos que dedicam a sua vida à prática do projeto. Se exige, anualmente ao longo de cinco anos de carreira aos estudantes que resolvam novos programas, novas criações e soluções, roubando uma enorme quantidade de tempo e energia, e em muitos casos provocando desalento e frustração. É a luta do medo de querer, de saber ou de saber fazer.⁹ Assume-se que o (re)planeamento académico poderia incidir exactamente no entendimento e conhecimento dos fundamentos do projeto, à priori da sua concepção, aproximando a ideia ao que Louis Kahn denominava pelo "volume zero". Kahn costumava dizer aos seus alunos coisas como esta: "Amo a história inglesa, amo o seu lado sangrento. Tenho oito volumes e desfruto lendo-os. Logo, depois de uma pausa, acrescentava: "Bom, na realidade não li os oito, só o primeiro, e nem sequer inteiro, apenas as primeiras páginas". E continuava: "Na realidade, não acredito que a história começou como dizem que começou. Acredito que começou antes. Quero ler o volume zero".¹⁰

É aqui que a história começa.

Inicia-se o percurso em **Portugal Continental** [1], pondo de manifesto as duas escolas de arquitetura existentes: **Lisboa e Porto**. Confrontam-se as duas linhas universitárias, o grupo de arquitetos e os seus movimentos com a apresentação de alguns dos projetos de habitação mais reveladores.

O afastamento geográfico e histórico de Portugal (limite ocidental da península ibérica e isolado politicamente por uma ditadura que durou 45 anos) e o forte atraso tecnológico foram factores determinantes na definição da arquitetura portuguesa. Afastado dos principais centros culturais Europeus, Portugal sempre foi, e é ainda hoje, muito receptivo e permeável aos debates arquitectónicos internacionais e às influências externas.

Assim, **a originalidade da produção portuguesa**, deve-se em grande parte, à simbiose que desde sempre existiu na cultura portuguesa, entre o desejo de conservar e inovar, entre a vanguarda e a nostalgia, **entre a**

8_rA, Revista da FAUP, Ano I Número 0 Outubro 1987.

9_ler como referencia o texto de Manuel Tainha, "O Arquitecto deve saber falar daquilo que está a fazer", in Textos do Arquitecto, edições Estar.

10_CORREA, Charles, Um lugar à Sombra, Colección da cimbra 5, p.103.

11_ALMEIDA, Pedro Viera, Viana de Lima, Porto, Árvore, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

12_ TÁVORA, Fernando, O Problema da Casa Portuguesa, Porto, Cadernos de Arquitectura, 1947

13_COSTA, Lúcio, Razões para uma nova Arquitectura,

modernidade e a tradição. Este processo nunca foi uma tarefa fácil de ultrapassar e talvez por isso impediu o conhecimento de algumas obras pioneiras, que seguramente, teriam merecido citação nos manuais do Movimento Moderno. Esta produção, afastada da margem internacional, sem que por isso seja menos qualificada, afirma-se através de um percurso sólido e contínuo, com realizações arquitectónicas brilhantes no território nacional sempre muito permeáveis a influências externas. Curioso também, será encontrar o processo recíproco e de que modo a arquitectura portuguesa terá influenciado à concretização de especificidades em arquitecturas internacionais.

Os anos 50 foram em Portugal um período de inquietudes e instabilidades, onde a arquitectura portuguesa **luta pela conjugação dos primeiros sinais da modernidade num contexto cultural fortemente marcado pela tradição**, onde paradoxalmente se integra a influência da moderna arquitectura brasileira.¹¹ Keil Amaral publica *A Arquitectura e Vida* (1942) e *Távora Problema da Casa Portuguesa* (1947), onde declara “tudo há que refazer, começando pelo princípio (...) impõe-se um trabalho sério, conciso, bem orientado e realista, cujos estudos poderiam talvez agrupar-se em três ordens: a) do meio português; b) da arquitectura portuguesa existente; c) da arquitectura e das possibilidades da construção moderna no mundo”.¹² Simultaneamente Lúcio Costa publica “Razões para uma nova arquitectura”¹³ (1934) um texto de enormes repercussões a nível mundial.

Em Portugal cada vez se tornava mais claro que a única via e possibilidade de ser moderno, contemplava a capacidade de integração da tradição e simultaneamente os modernos progressos científicos e tecnológicos. A censura e o afastamento que caracterizou o regime salazarista provocaram fortes atrasos industriais e tecnológicos em Portugal, que aliados à falta de tradição de um pensamento moderno num país predominantemente rural, obrigam os arquitectos portugueses a uma efectiva adaptação e mesmo invenção do domínio das tecnologias. Desenvolvem-se especificidades únicas no campo arquitectónico que com naturalidade, equaciona os valores modernos, valorizando as questões do contexto, do significado do lugar, a importância dos materiais e técnicas tradicionais.¹⁴ É no contexto do pós-guerra, marcado pela forte escassez e censura de informação, que a influência da Arquitectura Moderna brasileira adquire um valor assinalável “era sobretudo do Brasil que se manifestavam as influências mais fortes estabelecidas ainda antes do fim da guerra”.¹⁵ Para isto contribuiu decisivamente o livro de **Brazil Builds**, editado em 1943 pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, da autoria de Philip Goodwin e com admiráveis fotografias de Kidder Smith, com o subtítulo “Architectural New and Old 1652-1942”, revela ao mundo qualquer coisa de verdadeiramente inédito: a riqueza da arquitectura colonial e neoclássica do Brasil e enorme força das obras de inspiração moderna, construídas exactamente durante os anos da guerra.¹⁶

Vive-se um tempo de contestação ao regime de Oliveira Salazar e reivindicam-se os princípios do movimento moderno. Neste contexto, surgem duas organizações de arquitectos particularmente importantes: **ICAT** (Iniciativas Culturais Arte Técnica) em Lisboa (1946) e o **ODAM** (Organização dos Arquitectos Modernos) no Porto (1948), com o objectivo de “divulgar os princípios em que deve assentar a arquitectura moderna”¹⁷. O ICAT, muito ligado à Escola de Lisboa e a Keil do Amaral, grupo de oposição ao regime ditatorial e muito influenciado pelas doutrinas racionalistas europeias e brasileiras, utilizando como veículo as EGAP (Exposições Gerais de Artes Plásticas 1946-1956 e a revista *Arquitectura*. O O DAM era constituído apenas por arquitectos do Porto, e apesar de partilharem muitas das oposições teóricas do ICAT, tiveram um papel mais influente e concretizador, revelando um espírito forte e de consciência crescente sobre a modernidade.

Estes dois grupos, assumindo as novas ideologias, tiveram um papel fundamental no grande acontecimento da década: **Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura em 1948**. O Congresso, promovido pelo Sindicato Nacional de Arquitectos, que conferiu “garantias de liberdade de expressão aos arquitectos”¹⁸, situação inédita até então, foi considerado como “um momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos.”¹⁹ Foi um dos pontos mais altos da cultura portuguesa em finais dos anos 40 e teve consequências determinantes para o entendimento da arquitectura dos anos seguintes.

14_ TOSTÕES, Ana, “Modernização e regionalismo, 1948-1961” in *Catálogo Arquitectura século XX, Portugal*, 1997. 15_ idem.

16_ PEREIRA, Teotónio, *Escritos (1947-1999, selecção)*, FAUP publicações, Porto, 1996, p.303

17_ CASSIANO, Barbosa, (comp), *ODAM, Organização dos Arquitectos modernos*, Porto 1947-1951, Porto, Ed. Asa, 1947, p.145.

18_ in *Actas do 1º Congresso Nacional de Arquitectura*, Maio/Junho de 1948.

19_ PEREIRA, Nuno Teotónio, “A Arquitectura do Estado Novo”, in “*Arquitectura*”, 4ª série, n.142, Lisboa, Junho 1981.

O BAIRO DAS “ESTACAS” NO PARADIGMÁTICO BAIRO DE ALVALADE, LISBOA

08

O bairro de **Alvalade**, em Lisboa, é um caso paradigmático no contexto português. Em 1945, uma iniciativa municipal define o bairro com um plano de Faria da Costa.²⁰ Surge como uma tentativa de combater o problema então eminente da carência de oferta de habitação (principalmente casas de renda económica) e marcará definitivamente a transformação da cidade de Lisboa. Inicialmente idealizado como um bairro ideal, denunciando as aspirações do Estado Novo e as intenções do modelo da cidade-jardim, denuncia à partida a falta de associação a uma ideia de progresso em relação à modernidade, que foi no entanto, pontualmente alterada com traçados racionalistas e denunciadores dos princípios da Carta de Atenas.

A imagem paradigmática deste sentimento de mudança foi concretizada pelos jovens arquitetos **Ruy d’Athouguia e Formosinho Sanches**, o *bairro das “Estacas”* [I.1], ainda em 1949. Transformam os dois quarteirões fechados inicialmente propostos no Plano de 1945, em um só, aberto nos topos, com uma série de quatro blocos dispostos perpendicularmente à rua principal. Propõem uma maior densidade habitacional e simultaneamente uma extensa plataforma livre de jardins e pátios colectivos. (fig.1) Os edifícios de apenas quatro pisos devido a uma imposição municipal, de planta livre e elevados sobre pilotis, estabelecem a continuidade do tecido urbano, ligando o bairro às principais vias da cidade, sem com isso perder o carácter privado inerente ao sistema da habitação. Entre eles, importantes zonas de encontro de carácter colectivo e de escala doméstica, projectados pelo Eng.º Ribeiro Teles. (fig.3,4,5)

A continuidade visual e física entre os blocos amplia os limites do lugar. À parte da escala quase doméstica, criam-se ambientes únicos inerentes ao sistema da habitação urbana: definem-se zonas de circulação cobertas, sistemas de acesso bem referenciados e entre eles, amplos espaços de grande cuidado paisagístico. Cada árvore, colocada estrategicamente em relação aos pilares, dota o conjunto de um enorme equilíbrio e valor plástico. Existe uma cota quase contínua entre os vários espaços, apenas um subtil desfasamento de cotas, dado substancialmente pela variedade e pelas características dos diferentes materiais: a relva (jardim), a calçada portuguesa (zonas de circulação) e a pedra bordeando a projecção do edifício, limitando a zona coberta. Sublime! Inserido no contexto político de censura a tudo o que “era moderno”, é importante salientar a concretização de outros tipo de factores, como a diferenciação do acesso entre o automóvel e os cidadãos ou a inserção da tipologias duplex, valores claramente modernos, o que revela uma enorme mestria por parte dos autores para contornar os entraves municipais.

As linhas horizontais das varandas quase contínuas dominam o desenho de ambas as **fachadas**, sendo ainda mais acentuadas na cara orientada a nascente. (fig.8) A verticalidade dada pelas grelhas de protecção, tipo brise solei, cria um contraste necessário, equilibrando delicadamente o conjunto e “escondendo” as zonas de serviço viradas a poente. Com o máximo rigor e precisão, os arquitetos retiram o plano de fachada, criando a varanda como um elemento sombreador de transição e prevêem a colocação superior de palas pivotantes com a possibilidade de diferentes orientações segundo o movimento do sol. Citando a memória descritiva do projeto “como sendo móveis e verticais como convém a uma fachada orientada a oeste”²¹, de modo a permitirem um controle eficaz sobre a luz natural e a incidência solar. O plano posterior das varandas é constituído por grandes aberturas, janelas de parede a parede, que acusam e evidenciam claramente a estrutura. A diversidade de planos conseguida, cede lugar aos efeitos claro-escuro de inegável interesse arquitectónico. **“Não há nenhum tipo de artifício, tudo é claro e directo”**.²² A cobertura plana sempre foi de difícil aplicação em Portugal, pois implica uma construção realmente mais dispendiosa e até então, pouco ou nada havia sido realizado neste sentido. No entanto, o conceito foi entendido sobretudo na sua formalização plástica, onde os arquitetos recorreram ao uso de da cobertura “lusalite”, um material que ganhava protagonismo crescente em Portugal, principalmente devido á publicidade da revista *Arquitetura*.²³ Neste caso, as placas assumem uma ligeira inclinação e estão rematadas por muros de altura justa, de modo a permitir uma leitura pura e clara dos volumes. (fig.9)

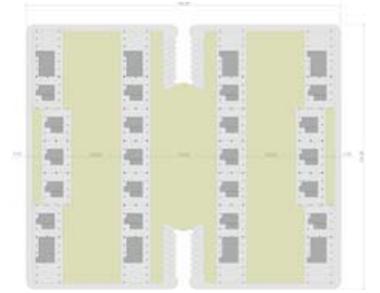
A **esquina do edifício** remata a área coberta dos espaços colectivos, com uma altura livre de 3 metros, e através de uma ligeira inclinação do plano limita o volume. Com este gesto projectual aumenta-se a abertura da vista aos jardins e numa visão exterior ao conjunto cria uma ligeira suspensão de todo os edifícios. (fig.10)

20_Plano de Urbanização da Zona Sul Alferes Malheiro, Arquivo CML, 1945

21_ in Memória descritiva do Lote nº24, Célula o do Sítio de Alvalade, Ruy d’Athouguia e Formosinho Sanches, CML, 21 Julho de 1952.

22_ idem

23_O material “Lusolite” consiste em placas de fibro-cimento e foi muito utilizado na arquitectura portuguesa. O seu êxito deve em grande parte, ao sucesso do concurso lançado pela revista *Arquitetura* n.35, com grande divulgação e protagonismo.



[1.1]

1_Bairro das "Estacas", Lisboa, 1949-55
 PLANTA IMPLANTAÇÃO, Re-desenho, IL, ESTAB, 2007

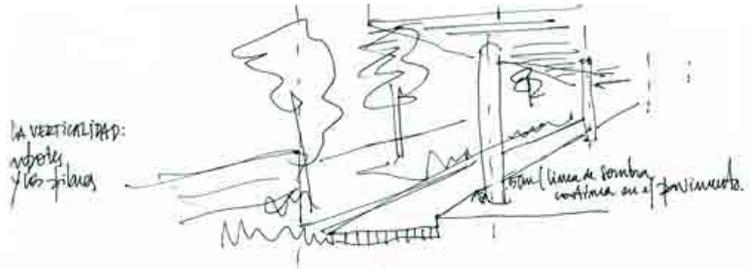
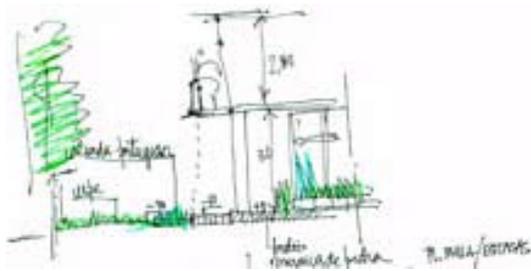
09



2_D'ATHOUGUIA, Ruy; SANCHES, Formosinho, Bairro das "Estacas", Lisboa, 1949-55, PLANTA TÉRREA, f:IL, 2007



3_4_5_D'ATHOUGUIA, Ruy; SANCHES, Formosinho, Bairro das "Estacas", Lisboa, 1949-55, PLANTA TÉRREA, f: IL, 2007



6_7_Bairro das "Estacas", Lisboa, 1949-55 _[I.1] Esquços IL, 2008

10

Todos os edifícios são de **quatro andares**: o primeiro e o segundo correspondem a habitações de um só piso, enquanto que nos últimos andares foram desenvolvidas **habitações em duplex**. Mais uma vez, os autores demonstraram uma grande mestria, ao contornarem sabiamente a legislação em vigor de modo conseguindo mais um andar de habitações e, ao mesmo tempo, engrandecer o projeto pela sua modernidade e originalidade. Identificam-se no conjunto analisado, habitações **tipo A** (em ambos os extremos) com três quartos e do **tipo B**, com dimensões mais reduzidas e apenas com dois quartos. (fig.11) No entanto, a equipa de arquitetos desenvolveu oito projetos tipo (de A a H), sendo o tipo A com o piso térreo destinado ao uso comercial e o tipo B, tem a planta térrea elevada sobre pilotis.

Jogando unicamente com os elementos construtivos, com o contraste de cheios e vazios, com planos ou em luz ou em sombra, o contraste suave dos diferentes materiais, os arquitetos conseguiram desenvolver um conjunto de grande valor arquitectónico e urbano aplicando claramente os princípios da arquitetura moderna.

Resumindo, d'Athouguia e Sanches conseguiram pôr em prática quase tudo que há muito tempo se ambicionava e ninguém o conseguia. De uma maneira sábia e consciente, o projeto revelou a **importância dos valores da topografia, da orientação solar, das zonas verdes úteis, a racionalidade e funcionalismo**. Faz referência aos princípios anunciados pelos arquitetos mais jovens, nomeadamente os que foram expressos no Congresso de 48. Conseguiram realizar uma crítica "politicamente correcta", muito difícil de concretizar devidos aos sucessivos entraves do Município.

Em 1954, o bairro das Estacas torna-se um paradigma da evolução da arquitetura portuguesa, que se afasta da arquitetura do regime e entra definitivamente no modernismo.

Foi alvo de diversos prémios, II bienal de Arquitetura de São Paulo em 1954 e prémio municipal do mesmo ano. É curioso realçar a forte ligação à arquitetura moderna brasileira ao ano 1949. Foi ainda publicado em 1954 na revista "Arquitetura Portuguesa" e mais recentemente no "Jornal dos Arquitetos", n.217, com um artigo de Eduardo Souto Moura. Tem sido alvo das mais diversas referências, com a mais recente representação na última trienal de Arquitetura de Lisboa, 2007.

O eterno debate: entre o moderno e o regional

Na produção arquitectónica portuguesa dos anos 50, é no domínio da habitação colectiva que se revelam as maiores inovações, quer na amplitude dos programas quer na sua conceptualização espacial. Ensaiam-se, para além de inovadores jogos plásticos, novas formas de agrupamento, de organização interna de fogos, de distribuição dos acessos, revelando uma assinalável pesquisa e destreza, acreditando, ingenuamente, no poder da arquitetura, transformadora do quadro de vida do quotidiano contemporâneo, respondendo, com objectivos de eficácia, às solicitações de uma vida moderna.²⁴

A geração da pós-guerra, apesar de se enfrentar a muitas e diversas dificuldades, estava cada vez mais atenta à questão da habitação condensada na necessidade da habitação massiva, formulada como "o problema da habitação".²⁵ O moderno bloco de habitação colectiva em altura passou, primeiro, a ser entendido como uma unidade autónoma da cidade, e depois, através da sua repetição como parte integrante e constituinte do seu tecido. As contribuições da ideologia radical e socialista dos arquitetos alemães expressas nos três primeiros congressos dos CIAM, e sem dúvida, o ícone máximo da habitação colectiva, a Unidade de Habitação de Marselha (1945-52) de Le Corbusier são fortes e decisivos influentes para os arquitetos portugueses.

Após a fase do "internacionalismo" e da vulgarização da Carta de Atenas, ao triângulo Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier, sucede-se um período de transição, de contestação ao estilo internacional, caracterizado pela ruptura e contestação. Fernando Távora, Teotónio Pereira, Manuel Tainha são alguns dos arquitetos portugueses que se destacam pela sua crítica positiva aos valores reducionistas dos CIAM e a esperança na defesa dos valores locais e regionais, como matriz cultural poderosa para superar a crise semântica do funcionalismo.²⁶

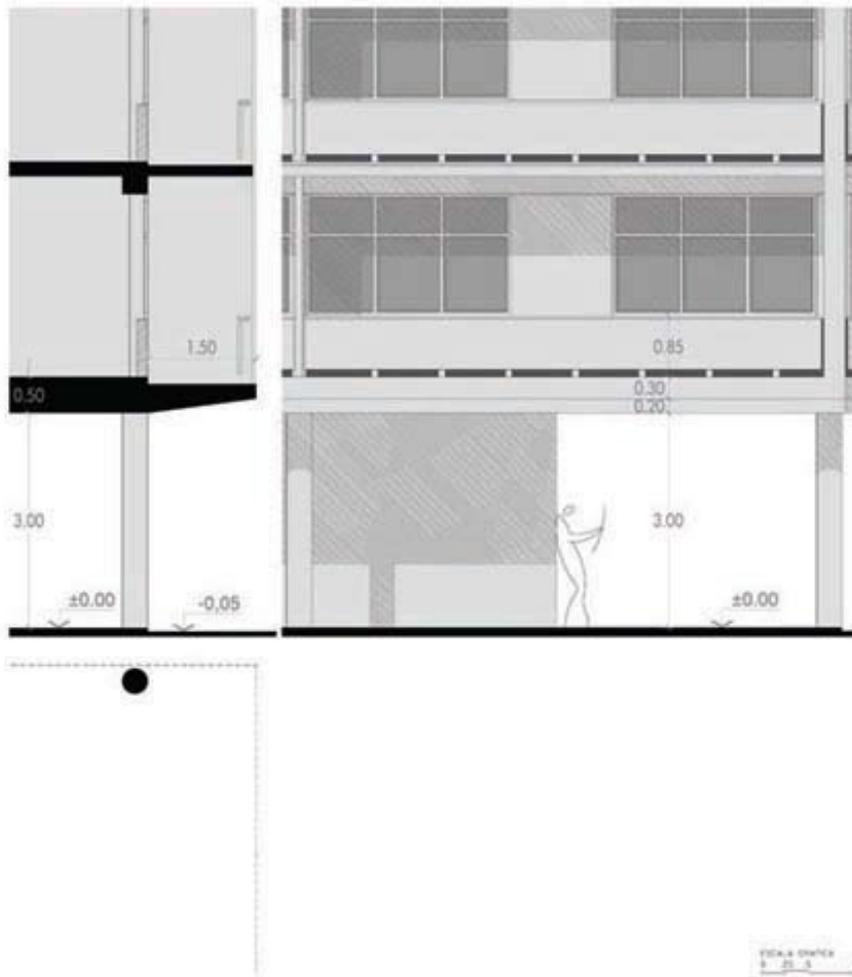
24_MENDES, Manuel, "Entre a autonomia criativa do "novo" e a critica ao espaço diferenciado, ao modelo transferível - os compromissos realistas do "estilo internacional", rA, Revista da FAUP, Ano I Número 0 Outubro 1987

25_GOODWIN, Philip, Brasil Buildings, New York, MOMA, 1943

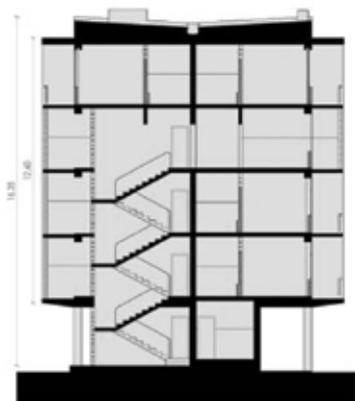
26_TOSTÕES, Ana, Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50, FAUP publicações, 1997, p.51



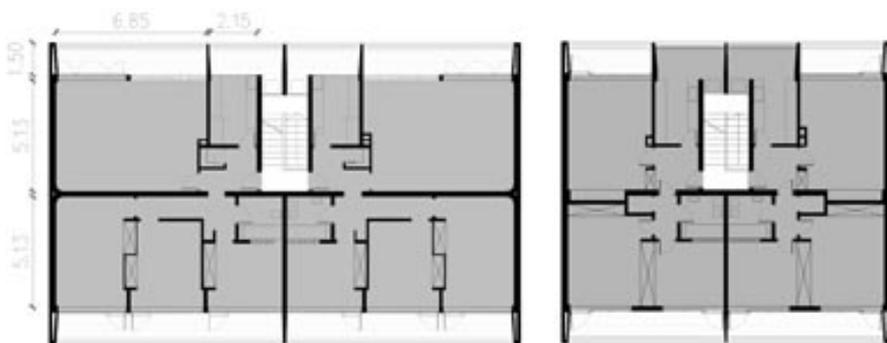
8_“Estacas”, AL O Re-desenho, IL



10_Bairro das “Estacas”, Lisboa, 1949-55, CT, PL, AL, Re-desenho, IL, ESTAB, 2007



9_“Estacas”, CT, Re-desenho, IL



11_“Estacas”, Lisboa, 1949-55, PL TIPOLOGIA TIPO A / B, Re-desenho, IL, ESTAB, 2007

A MUDANÇA DE ESCALA E DE IMAGEM:

A AVENIDA ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, ALVALADE, LISBOA

- 12 No verão 1955, ocorre o célebre **"Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa"**, onde assumidamente se procurava a integração da modernidade e da tradição. Neste ambiente de mudança, a arquitetura portuguesa vai-se libertando, pouco a pouco, dos regionalismos e da arquitetura do Estado Novo e reduz progressivamente o seu isolamento em relação aos principais circuitos da produção arquitectónica internacional. Curiosamente, não tem qualquer tipo de pretensão de abandono ou repulsão das suas raízes culturais. Intensificam-se os contactos com a vizinha Espanha principalmente com o "circuito catalão", debate-se nos pequenos Congressos organizados pela revista "Arquitetura" e aproxima-se aos Congressos dos CIAM. Existe efectivamente um **caminho de procura em aliar as especificidades da arquitetura nacional aos princípios modernos que se preconizavam na Europa**, referenciadas claramente a Le Corbusier e ainda que, por essa via, à arquitetura brasileira.²⁷

Os arquitetos portugueses foram fazendo uma leitura crítica ao Movimento Moderno, e procuram, sem o renegar, encontrar-se com as raízes da arquitetura vernácula, o que em realidade só se tornou possível quando se libertaram dos clichés oficiais.

O traçado da **Avenida Estados Unidos da América** é anterior ao Plano de Urbanização do Sítio de Alvalade²⁸ e foi desde o início concebida pelo Município, ainda em 1941 como a "grande avenida de circulação". O plano de Urbanização de 1945 já previa a implantação de blocos perpendiculares à Avenida ao longo do lado Norte, no entanto em 1951, a Câmara Municipal de Lisboa, elabora um novo plano que já contempla a divisão em parcelas das áreas a construir. (fig.13)

Ao longo do desenvolvimento do bairro de Alvalade, surgem algumas novas disposições dotando o bairro de uma enorme variedade de projetos, uns ocupando consideráveis áreas urbanas (principalmente para o contexto português), outros explorando a justaposição da habitação e dos espaços colectivos e sociais inerentes ao sistema da habitação.

Ainda em 1951, surge o vibrante conjunto de **Filipe Figueiredo e Jorge Segurado** [I.2] articula o cruzamento das duas avenidas mais importantes no bairro, com quatro grandes blocos de treze pisos. (fig.14) Aproxima-se claramente aos princípios expressos da *Unidade de Marselha* de Le Corbusier, com um piso recuado (sétimo andar) inicialmente previsto para uma galeria comercial, mas que por falta de verbas acabou por ser destinado, também à Habitação. No entanto, seguiu bem assumido na fachada, com as janelas recuadas do plano de fachada, evidenciando as linhas horizontais ao longo do edifício. As habitações apresentam tipologias mínimas e duplex e a cobertura é praticável. A presença de estes blocos na cidade de Lisboa foi um dos primeiros casos de construção decididamente em altura.²⁹

Este projeto, devido ao tráfego intenso de ambas as avenidas, associado às peculiares características topográficas do solar, sem a possibilidade de criar espaços colectivos afastados das vias de trânsito, os autores procuraram estabelecer uma relação entre a força dos volumes e a sua ligação com a envolvente de uma forma pouco comum até então. Dois dos quatro blocos, implantam-se perpendicularmente ao cruzamento, giram e avançam sobre os seus extremos laterais, enquanto que os restantes oferecem à rua o seu lado mais comprido e retiram-se subtilmente em relação ao cruzamento. O resultado é totalmente controlado e assume um notável efeito de contracção e dilatação do espaço.³⁰

Esta obra foi no seu tempo um grande paradigma de inserção do modelo moderno: uma espécie de unidade de habitação num tecido urbano marcado por padrões relativamente tradicionais, de rua e quarteirão.

Do lado nascente da Avenida Estados Unidos da América surgem vários conjuntos notáveis de habitação colectiva que expressam claramente os pressupostos do Movimento Moderno, entendidos como uma Unidade Residencial.

27_ TAINHA, Manuel, em *Arquitetura*, n.153/1984

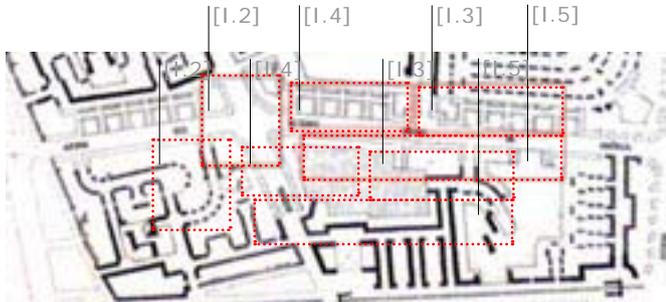
28_GOODWIN, Philip, *Brasil Buildings*, New York, MOMA, 1943

29_ 9_ TOSTÕES, Ana, "Arquitetura Portuguesa dos anos 50: Os Verdes Anos ou o Movimento Moderno em Portugal", dissertação de Mestrado em História de Arte, Lisboa, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, FAUP, 1994

30_idem



12_Bairro de Alvalade, PLANTA LOCALIZAÇÃO, Re-desenho, IL, ESTAB, 2007



13_“Plano do Sítio de Alvalade”, Parcial, 1945, f: CML, Lisboa, Set, 1948



14_Av. Estados Unidos da América, PLANTA LOCALIZAÇÃO, Re-desenho, IL, ESTAB, 2007

13

[1.2]



15_FIGUEIREDO, Filipe; SEGURADO, Jorge
Cj. Residencial Av. EUA, Lisboa, 1951, f: IL, 2007

[1.3]



16_CID, Pedro, LAGINHA, MArio, Cj. Residencial Av. EUA,
Lisboa, 1951, f: IL, 2007

[1.4]

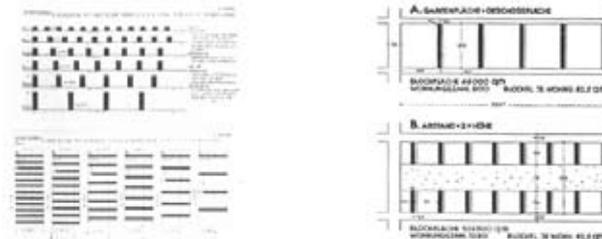


17_AREAL, Joaquim, Cj. Residencial Av. EUA, Lisboa, 1955,
f: IL, 2007

[1.5]



18_FREIRE, Castro, Cj. Residencial Av. EUA,
Lisboa, 1967, f: IL, 2007



19_20_GROPIUS, Walter, Comparação da rentabilidade da construção de blocos em fila com diferentes números de pisos, Actas do III congresso CIAM, Bruxelas, 1930

14 Quer no conjunto de **Pedro Cid**, **Manuel Laginha e Vasconcelos Esteves** [1.3] quer no conjunto de **Joaquim Areal** [1.4], foi aplicado o sistema de pilotis nos edifícios mais altos (5 a 8 andares) implantados perpendicularmente à Avenida, suficientemente espaçados entre eles, de fácil ligação e protegidos dos perigos do trânsito. No caso da equipa de Cid, a planta térrea apenas é ocupada por volumes do núcleo de acesso, ocupando menos de 1/5 da área livre de cada edifício. Recuado no terreno, fechando o espaço ajardinado e consolidando o conjunto, foram implantados os edifícios mais baixos (4 andares) paralelos à Avenida. (fig.22)

Criam-se espaços colectivos entre edifícios ao longo de cerca de 60m acompanham o declive natural da Avenida EUA, permitindo perspectivas muito distintas consoante a movimentação sobre o eixo este-oeste.

O conjunto de **Castro Freire** [1.5] de implantação mais tardia segue os princípios dos conjuntos urbanos envolventes e apresenta uma forte relação, apesar de separados por uma avenida de intenso tráfego, com os outros casos apresentados. O extremo oeste, compreendido entre a Av. Roma e a Av. Rio de Janeiro, segue a implantação ao eixo dos edifícios do conjunto de Joaquim Areal [1.4]. De uma forma análoga, os edifícios no troço mais a Este, estão implantados ao eixo dos pátios ajardinados do conjunto da equipa de Pedro Cid [1.3].

Os vários casos [1.3, 1.4, 1.5] cumprem os princípios expressos no Plano do Município, e expressam claramente os princípios do movimento moderno: o conjunto tende a ser tomado como uma Unidade Residencial, com os blocos de Habitação mais altos perpendiculares à Avenida e outros mais baixos (4 andares) a encerram o quarteirão, paralelos e recuados à avenida principal. Ambos os conjuntos têm a piso térreo elevado sobre pilotis, alguns com comércio. Todos eles denunciam uma grande atenção aos espaços colectivos, com zonas ajardinadas entre os blocos com cerca de 60m. As fachadas buscam a orientação este-oeste, de maneira que as habitações recebem a melhor exposição solar.

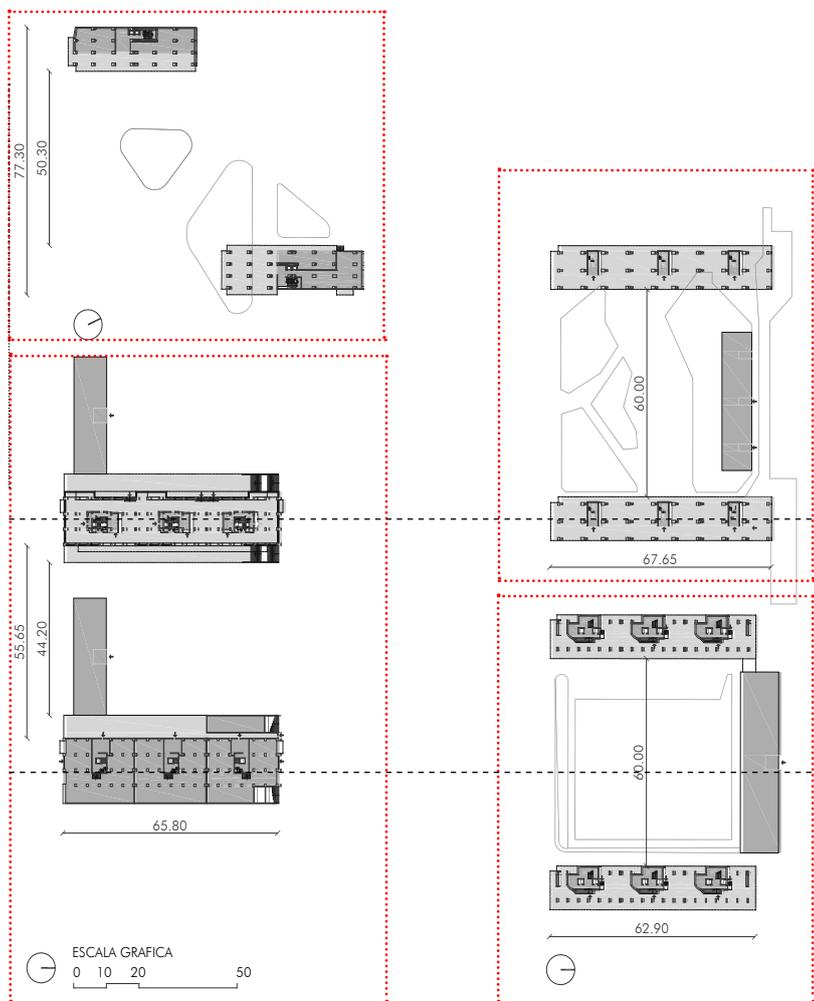
O tratamento plástico das fachadas reflectem um grande rigor no desenho particularmente no uso dos brise solei, a preocupação das tipologias a duas frentes e a aplicação dos duplex nos últimos pisos. Efectivamente, o modo com são encarados os tipos de aberturas é revelador de uma rica exploração formal e de adaptação às realidades do mundo português, através da aplicação da diversidade de soluções, certamente definidas como funcionalistas, que vão desde os varandas recuadas, aos brise solei, às palas e às grelhas cerâmicas, determinantes na leitura plástica dos volumes apresentados.

Destaca-se a importância da realização do **bairro das Estacas**, que se assume como o projeto de referencia e de charneira no processo de modernização do bairro de Alvalade e na forte influencia na realização dos posteriores projetos de habitação colectiva.

Ao longo da Av. Estados Unidos América, assiste-se à aplicação dos mesmos princípios arquitectónicos: a libertação da planta térrea, com pátios ajardinados de consideradas dimensões para uso colectivo entre os blocos.

A análise comparativa dos casos no bairro de Alvalade, no particular troço da Avenida Estados Unidos da América, permite **constatar a forte relação visual entre os vários conjuntos, no seu sentido transversal e longitudinal**. Apresentam-se linguagens próprios de cada equipa de arquitetos, que apesar de distintas, souberam e aplicaram os **mesmos princípios formais e plásticos de modo a estabelecerem uma forte unidade** entre os diversos conjuntos urbanos e na cidade, dotando simultaneamente originalidade e singularidade a cada conjunto.

Este **percurso evolutivo ocorre de modo coerente com as influências racionalistas internacionais**. Ou seja, as oportunidades para a afirmação de um vocabulário moderno são aproveitadas, dando origem a novas soluções desenvolvidas segundo o contexto político e económico da época. As novas formas de organização do espaço urbano apresentam relações físicas inovadoras entre espaço exterior e edificação, diferenciando-se daquelas até então existentes, entre o edifício moderno e o lote inserido em tecido urbano tradicional.³¹



22_[I.1], [I.2], [I.3], [I.4] PLANTA TÉRREA, Re-desenho, IL, ESTAB, 2007



23_24_25_[I.2], [I.3], [I.4] f: IL



26_[I.2] f: IL, 2007



27_[I.3], f: IL, 2007



28_[I.4], f: IL, 2007



29_[I.5], f: IL, 2007

A CIDADE PORTUENSE E O CASO DO PARTICULAR BAIRRO DO “RAMALDE”

16 Um dos aspectos particulares da história da arquitetura portuguesa é o caminho que o Norte e o Sul seguiram e o modo como se influenciaram entre eles. Frente a uma enorme variedade de situações os dois caminhos foram mutuamente complementares e simultaneamente contraditórios, que tem que ser visto como uma especificidade nacional. A Escola de Belas Artes do Porto, desde sempre praticou doutrinas de vanguarda, particularmente em relação ao ensino academista de Lisboa.

A **cidade portuense** assumiu, de uma maneira inequívoca, uma forte proximidade às **teorias de Le Corbusier e à Carta de Atenas**, através das teses que eram sistematicamente citadas na tentativa de solucionar os problemas urgentes: não só urbanísticos, como também arquitectónicos. Era fundamental “reintroduzir as qualidades naturais na vida quotidiana dos portugueses...sol, espaço, árvores”³², um sentimento expresso em todas as teses defendidas pelos arquitetos portugueses no **1º Congresso de Arquitetura** (1948), que reflectiam o sentimento generalizado para a acção. No entanto, a intervenção dos arquitetos no Porto fica, porém, concentrada na pequena acção urbana limitada pelo edifício isolado e a sua envolvente. Contrariando esta tendência assiste-se à intervenção do bairro do Ramalde de Fernando Távora ou anos mais tarde no conjunto do Luso de José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos.

Os bairros de habitação social apoiados e lançados pelo “Estado novo” tinham o propósito claro de solucionar o problema emergente da falta de oferta de habitação e simultaneamente a rentabilidade económica da operação. O grupo ODAM pronuncia-se, aclarando e alertando para a necessidade de não confundir “**casas baratas**” com “**casas económicas**”. Desde a sua formação que defende: a solução do bloco em altura, à semelhança das unidades de habitação, para solucionar o problema do alojamento económico, sem reduções significativas da área habitável e uma maior qualidade habitacional; a liberalização do solo recorrendo ao uso de pilotis, ganhando espaços verdes, com vista a melhorar as condições de vida dos homens e com isso incentivar a alegria, o respeito e a solidariedade.³³

O **bairro do Ramalde** [I.6] projectado entre 1952 e 1956 para a Federação de Caixas de Previdência,³⁴ é o primeiro exemplo de renovação urbanística no Porto. É o testemunho do abandono da estrutura do século XIX e a afirmação do funcionalismo, tornando-se num caso paradigmático no contexto portuense. (fig. 32)

Fernando Távora, arquiteto que sublinhava que “o caminho a seguir é bastante claro: conhecer a realidade de hoje e interpretá-la em construção”³⁵, foi o responsável pelo seu planeamento urbanístico, reflectindo claramente **os princípios da Carta de Atenas, com um forte sentido de humanismo, sem perder a autenticidade da tradição e relevando o forte compromisso da história com a vanguarda**.³⁶ Introduziu várias necessidades na **qualidade de vida dos portuenses**: “sol, espaço e árvores”, em vez de preocupar-se demasiado com a questão do estilo. Aplicou um conhecimento particular sobre os pressupostos da Carta de Atenas e dos ensinamentos de Le Corbusier e um respeito público a nível da criatividade e da autonomia.

Tal como o **bairro de Alvalade**, partiu de conceitos idênticos como o “zonamento funcional” ou a “unidade de vizinhança”, prevendo a relação entre habitação e equipamentos, projetos tipo com normalização e pré-fabricação de elementos construtivos e inovações na organização interna da habitação. No entanto, Távora “vejo-lhe grandes vantagens em relação ao Plano de Alvalade, mas ele apresenta-me ainda mais dúvidas que ninguém me resolve e que preocupam bastante”.³⁷

A nível da escala do plano são facilmente encontrados os princípios urbanos expressos nos **primeiros CIAM**. A eleição de melhor orientação solar para os edifícios, paralelos entre si criando zonas verdes de lazer que acabam por funcionar como um elemento unificador do conjunto. Estão afastados e diferenciados das ruas de passeio, de acesso às habitações ou rodoviárias. Távora acredita nos novos ensaios tipológicos – morfológicos da arquitectura habitacional colectiva como forma de construção da cidade, assente na ideia não de um grupo de habitações com jardim, mas um jardim com habitações.

32__VITAL, António Lobão, “A casa, o homem, e a arquitectura”, in ODAM: ...p.33-37.

33_Ana Tostões in Catálogo da Exposição Arquitectura Século XX, Portugal, p.42.

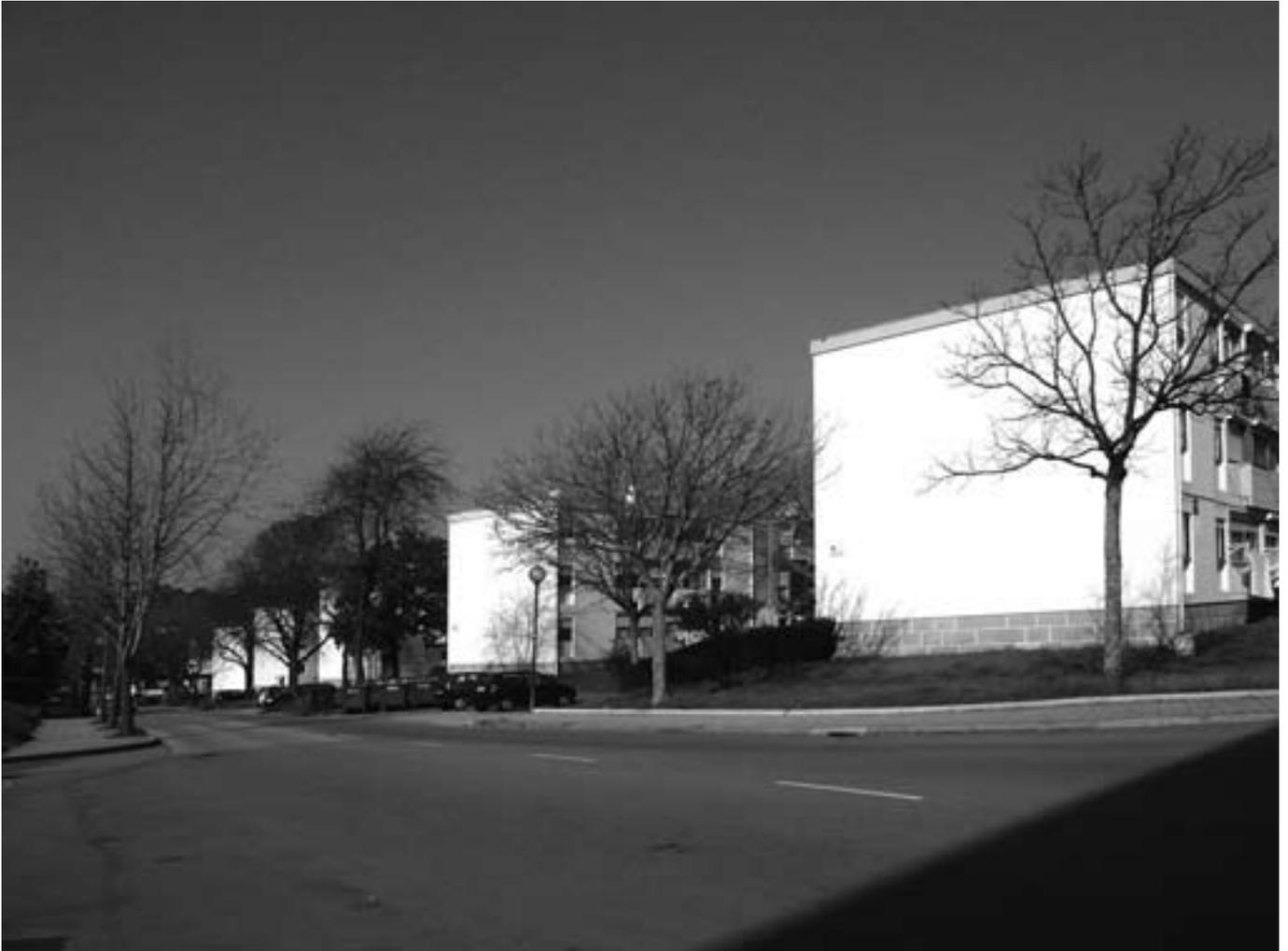
34_ Quer o bairro de Alvalade como o Ramalde, surgiram no âmbito de processos governamentais do regime de Salazar. Casas de Renda Económica foram programas governamentais para tentar solucionar rapidamente o grave problema da habitação nos centros urbanos.

35_TÁVORA, Fernando, Para um urbanismo e uma Arquitectura Portuguesas, em Comércio do Porto, 25 de Agosto de 1953.

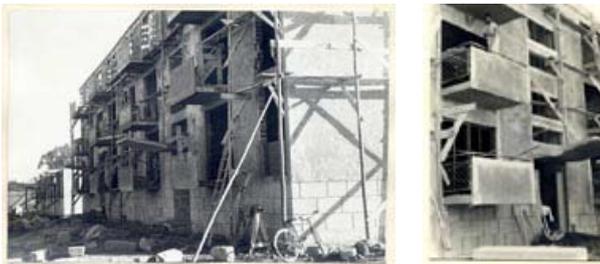
36_Fernando Távora, O Problema da Habitação Portuguesa.

37_WRANG, Wilfred, “Arquitectos de Oporto, Távora, Siza, Souto Moura: Una identidad no linear”.

[1.6]



30_TÁVORA, Fernando, Bairro do Ramalde, Porto, 1952-60, f: IL, 2008



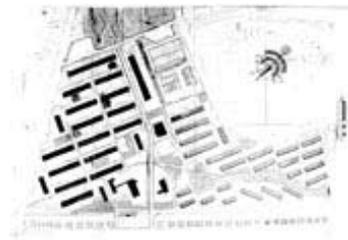
31_32_TÁVORA, Fernando, Bairro do Ramalde, Porto, 1952-60, FOTOGRAFIAS de ÉPOCA, f: Arquivo Casa do Infante, Porto



33_34 _TÁVORA, Fernando, Bairro do Ramalde, Porto, 1952-60, f: IL, 2008



35_PLANTA DE URBANIZAÇÃO, data?,
fonte: Arquivo Casa do Infante, Porto



36_ FIGUEIREDO, Edite, PLANTA DE URBANIZAÇÃO, Tese de Doutoramento, "ODAM: Valores Modernos y la confrontación con la realidad productiva", ETSAB

18 As alturas e as dimensões dos edifícios, **de quatro pisos**, são rigorosamente estudadas, aproximando-se muito os **esquemas desenvolvidos por Gropius** e apresentados no III CIAM em Bruxelas (1930). "Na parcela residencial do Ramalde, onde se previa a inserção de 6000 habitantes, a forma linear dominante dos blocos de apartamentos vê-se alterada pela variação em altura e o comprimento dos blocos, o que introduz na parcela uma ordem formal e abstracta." ³⁸

Definitivamente o projecto do **bairro do Ramalde** aproxima-se mais aos **modelos "Siedlungen" alemães, nomeadamente o "Dammerstock" (1927-29), no uso do conceito "Zeilenbau" (blocos longitudinais implantados a distancias iguais numa ó direcção e separação directa com a via)**. (fig. 30,31)

No bloco linear de habitação colectiva, que se constitui como o elemento base de composição do plano, a tipologia convencional de caixa de entrada central e distribuição de apartamento esquerdo/direito, contrastam com as sucessões de planos de superfícies verticais como os vãos, varandas, escadas, etc.

Numa primeira fase os edifícios foram pintados nas cores primárias. Existem estudos de várias cores que denunciam a vontade de Távora de colorir o conjunto. Nunca foram realizados. (fig. 37,38)

A **pala de betão que se solta da fachada** anuncia e protege a zona da entrada. Apoiada pelos volumes salientes das varandas conseguem conferir ao conjunto um grande grau de plasticidade que aliadas à composição rigorosa dos elementos de sombra, verticais ou horizontais equilibram todo o conjunto.

As aberturas das janelas assumem todo o rigor miesiano, acentuando o central núcleo de acessos e criando um vazio correspondente ao volume saliente das varandas. Apesar dos edifícios de estarem agarrados ao solo, o característico embazamento em granito liberta o plano da fachada e assume-se como uma forte linha de sombra, quase como uma sugestão subversiva de suspensão.

A **concentração dos acessos e das zonas de serviços no eixo central** e a simetria esquerdo – direito, são um factor comum entre a tipologia das **"Estacas" e do "Ramalde"**. Um dos elementos de oposição entre os dois projetos é, sem dúvida, o **desenho das varandas**: no caso portuense apresentam-se como elementos salientes que marcam de uma maneira definitiva o ritmo das fachadas, e no caso lisboeta, são recuados do plano de fachada e acentuam ainda mais a linha de sombra horizontal, contínua ao longo do edifício. (fig. 39/42)

O distanciamento, inclusive a confrontação que existia entre as únicas duas escolas de arquitetura portuguesas, a de Lisboa e do Porto, era um facto totalmente assumido. Os primeiros encontros dos arquitetos nacionais foram escassos e tardios. De facto, interessa salientar os aspectos em que realmente as duas escolas se aproximaram e distanciaram. Será que tinham em comum e seguiam os mesmos grandes mestres de referência da arquitetura mundial? Como foram interpretados por cada Escola? Como se manifestaram as linhas academistas das duas escolas e como influenciaram na projecção da habitação moderna?

Como conseguiu a modernidade do bairro de Alvalade em Lisboa, ou do bairro do Ramalde no Porto, contornar os princípios da arquitetura oficial do Estado Novo?

Como e por quem se estabeleceu o vínculo entre os valores modernos apresentados nos Congressos dos CIAM e a arquitetura portuguesa?

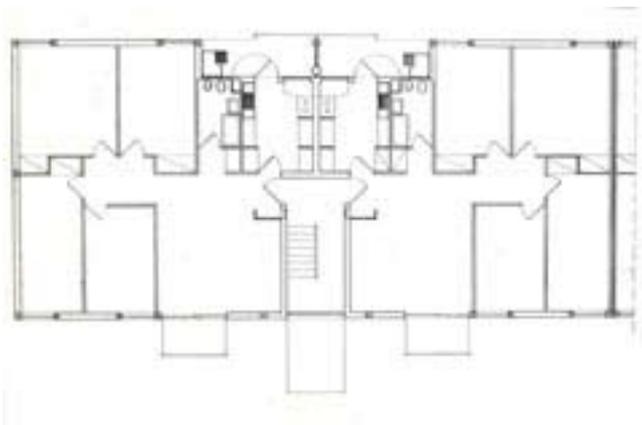
É facilmente reconhecida uma identidade forte, impulsionada pelo projeto das "Estacas" entre 1949-55 na evolução da habitação colectiva no bairro de Alvalade. Será que Távora conseguiu em 1952 alcançar esta mesma identidade com projeto de Ramalde na evolução do bairro? Será possível comparar a unidade do bairro das "Estacas" levada a cabo por uma equipa de arquitetos com a diversidade que se verificou no bairro do Ramalde?

Hipóteses ainda em aberto que se tentarão dar resposta com a evolução da investigação.

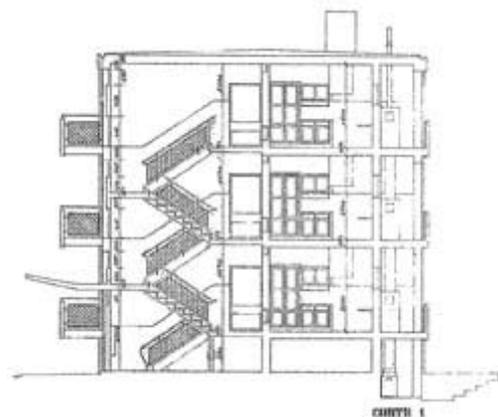
38_FIGUEIREDO, Edite, "ODAM: Valores Modernos y la confrontación con la realidad productiva", tese de doctorado, ESTAB, p.417



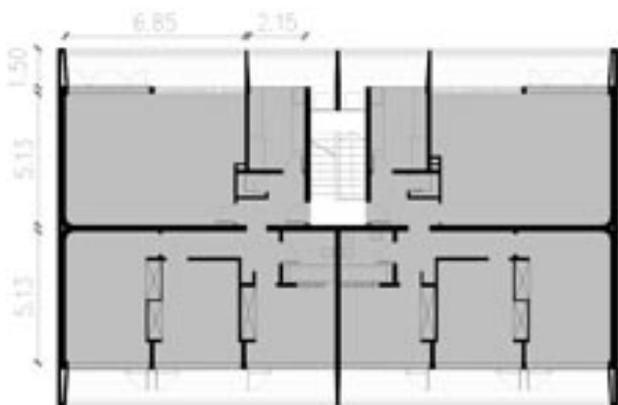
37_38_TÁVORA, Fernando, Bairro do Ramalde, Porto, 1952-60,
FOTOGRAFIAS de ÉPOCA, f: Arquivo Casa do Infante, Porto



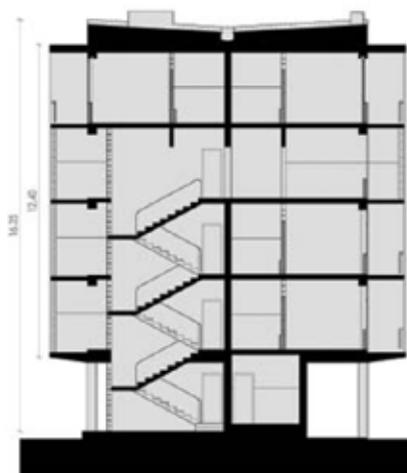
39_TÁVORA, Fernando, PLANTA TIPO, f: ANTÓNIO Esposito,
GIOVANNI, Leoni, "Opera completa", pub. Electa



40_TAVORA, Fernando, Corte transversal,
f: Arquivo Casa do Infante, Porto



41_Estacas", Lisboa, 1949-55, PL TIPOLOGIA TIPO A, Re-
desenho, IL, ESTAB, 2007



42_ "Estacas", CT, Re-desenho, IL

O CASO BRASILEIRO E A CIDADE CARIOCA

20

Tenta dar-se início ao projeto das **Arquiteturas Comparadas**, analisando as principais características arquitectónicas e de inserção urbana dos paradigmas do habitar do movimento moderno aliado às especificidades da cultura arquitectónica portuguesa. Procurando definir a reciprocidade do processo arquitectónico entre os vários países, identifica-se a colonização com um processo de tolerância, geralmente de parte a parte.

Assiste-se à aplicação dos princípios expressos nos CIAM, preconizados de uma forma inequívoca e assumida por toda a Europa, aplicados e adaptados às especificidades locais de cada país: vivências, cultura, clima, normativas. Apresentam-se na sua maioria casos realizados por arquitetos portugueses, não excluindo os casos de arquitetos locais que influenciam e contribuem à uniformidade do contexto. No presente texto, tenta-se introduzir alguns destes parâmetros, realizando uma breve selecção de modo a ficar em situação de enumerar algumas das especificidades da habitação moderna de expressão portuguesa, estudando casos, apresentando arquitetos, seguindo os passos de arquitetos ora internacionalmente famosos, ora como em sua maioria dos casos dos arquitectos portugueses, totalmente desconhecidos a nível mundial. Realçando as particularidades de projeto dos casos significativos de cada cidade, analisando cada caso, começa-se a dar corpo e a fundamentar a investigação através da análise do projeto. No caso brasileiro surgem duas vertentes na análise: por uma lado o estudo de obras de arquitectos brasileiros, que se justifica com forte proximidade da linguagem arquitectónica.

O **Brasil** atravessa na década de 30, um momento de pujança económica impulsionado pelo governo Getúlio Vargas, o qual os arquitectos modernos aproveitaram com grande mestria, derrotando por completo o neocolonial e académico. O edifício do Ministério da Educação e Saúde, é o exemplo máximo desta condição, sendo ao mesmo tempo o mais importante dos prédios estatais que alterariam a face do Rio de Janeiro. O controle do património histórico e as teorias para a produção de habitações populares nos centros urbanos são também duas importantes vitórias. A implantação no país de uma política de habitação popular foi eleita como ponto central do discurso modernista. Tal como em Portugal, não se pode falar de arquitectura moderna sem referir e falar de política. À semelhança do que passava na Europa, o estilo moderno brasileiro, além de superior nas formas, era vivido pelos arquitectos como a solução (ideológica) ao problema generalizado da falta de oferta de habitação nas principais cidades, baseados nos fenómenos como a simplificação ou da massificação. No final dos anos trinta e início dos quarenta, a relação com os Estados Unidos foi fundamental para a consolidação do estilo moderno, bem como para a afirmação da sua independência e autonomia em relação aos modelos europeus iniciais.

Em 1943, Orson Welles, *It's all true*, um documentário sobre o Brasil, RKO Pictures e o Museu de Arte Moderna inaugural a mostra itinerante "Brasil builds" aceleraram o processo de modernização da arquitectura brasileira, no país, e fora dele. A *Architecture d'Aujourd'hui* publica dois números históricos "Brésil" em 1947 e de novo em 1952,³⁹ tal como a *Architectural Review*⁴⁰, as duas mais importantes revistas de arquitectura da época (e quiçá ainda hoje) publicam extensos artigos sobre a arquitectura moderna brasileira.

No entanto, uma questão fundamental que precede todas as demais na explicação dos modernos é a flagrante relação com as bases tradicionalistas. Tal como em Portugal, mas afastando-se de quase todos os outros contextos europeus, o Brasil procurou o Moderno sem nunca esquecer ou ignorar as bases da tradição. Este facto reflectir-se-á não só na arquitetura como também em outras vertentes artísticas. Basta deabular um pouco pela poesia, *Ave Germânia*, de Carlos Maul, *Rosa do Povo*, de Carlos Drummond, e *Paulicéia desvairada* de Mário de Andrade. Na sociologia, *Terra do sol*, de Gustavo Barroso e *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freire.

O CASO BRASILEIRO E A CIDADE CARIOCA

No Brasil [II], na cidade do Rio de Janeiro assiste-se nos anos 40, à realização de bairros notáveis à escala urbana, pela mão do arquiteto **Carlos Frederico Ferreira**, como o Conjunto Residencial da Vila Guiomar e do Realengo, que pela implantação paralela dos blocos e pela escala dos edifícios planta térrea e três pisos se remete à esfera do bairros das casas económicas portuguesas, particularmente com os bairros das Estacas e do Ramalde.

No entanto, salienta-se o particular projeto de **Lúcio Costa** para o **Conjunto Residencial Parque Guinle** [II.1], na cidade carioca. Os três edifícios projectados por Lúcio Costa (dos seis inicialmente previstos): o "Nova

39_ *Architecture d'Aujourd'hui*, n.12-13, Set.1949 e n.42-43, Ago. 1952.

40_ *Architectural Review*, n.644, Ago. 1950.



43_COSTA, Lúcio, Bairro Parque Guinle, RJ, fonte: *Architecture d'Aujourd'hui*, n.42-43 "Brésil", Agosto 1952



44_COSTA, Lúcio, Bairro Parque Guinle, RJ, FOTOGRAFIA
f: *Architecture d'Aujourd'hui*, n.42-43 "Brésil", Ag. 1952



45_ [11.1] Bairro Parque Guinle, RJ,
f: IL, 2009



46_ [11.1] Bairro Parque Guinle, RJ, f: IL, 2009



47_ [11.3_11.5] Cj. Residenciais Av. EUA, Lisboa,
f: IL, 2009



48_ [1.1] Bairro Estacas, Lisboa
f: IL, 2009



49_ [1.7] Bairro Luso, Porto
f: IL, 2009

22 Cintra” voltado para rua Gago Coutinho, realiza uma transição em relação à cidade: limita o parque com galerias comerciais no térreo. O “Bristol” e o “Caledónia”, acompanham o declive natural do terreno, onde Lúcio venceu a diferença das linhas de nível com uma solução simples e brilhante: utilizou diferentes alturas a cada linha de colunas, acomodando, assim, o pilotis no terreno, sem grande necessidade de movimentação de terras”.³¹ A essência da concepção urbana e a procura da plasticidade dos materiais nas fachadas desta intervenção observa-se fielmente interpretada nos conjuntos da **Avenida Estados Unidos da América**, em Lisboa nos anos 50, quer no conjunto da **equipa de Cid** [I.3] quer de **Areal** [I.4]. No conjunto do **Parque Guinle**, (fig.47) o elemento de grande destaque na composição, são as escadas, dois volumes independentes para cada prédio. Cilindros de vidro pontuados por finos pilaretes verticais que dotam o conjunto de uma plasticidade única acentuada em contraste com os edifícios, recuados alguns metros. **Carlos Loureiro e Luís Pádua** [I.7], no projeto do **Luso**, na cidade do Porto em 1959 sugere usar a mesma estratégia, mas por oposição: projecta um volume cilíndrico compacto e fechado apenas com um rasgo vertical na zona dos patamares, que equilibra todo o conjunto.(fig.49) O vazio que solta o volume alguns metros do edifício e a sua neutralidade, realça a plasticidade dos materiais, particularmente o jogo vibrante de azulejos ao longo das fachadas dos blocos. Na planta térrea, o pavimento da calçada portuguesa e o rigoroso desenho das jardineiras constituem uma forte aproximação ao discurso do bairro das Estacas em Lisboa, em 1949. Além disso, as preocupações formais e as decisões a nível do tratamento plástico dos volumes unem, sem dúvida alguma, a equipa de Sanches e d’Athougia ao mestre Lúcio Costa.

Jorge Moreira foi um arquiteto que mais que procurar novas linguagens sempre trabalhou baseado nos princípios fundamentais de Le Corbusier aplicados à arquitetura tropical: estrutura independente, pilotis, prisma rectangular e um sistema modular. O **edifício António Ceppas** [II.2] de seis andares assenta sobre pilotis, com quatro apartamentos cada. Todos os azulejos, pastilhas, cerâmicas, treliças e venezianas de madeira foram desenhados por Moreira, especialmente para a obra (fig.51). Constitui uma importante utilização do material cerâmico, tipicamente português, e como tal assiste-se a uma forte aproximação, entre muito outros casos, ao projeto de **Areal**, em Lisboa [I.4] (fig.53). O paisagismo foi projectado por Roberto Burle Marx. O edifício António Ceppas, foi premiado, com menção honrosa, em 1953, na II Bienal de São Paulo, pelo júri composto por Walter Gropius, Alvar Aalto e Ernest Rogers (exactamente na mesma edição em que foi premiado o conjunto das Estacas em Lisboa, da equipa de D’Athougia e Sanches).

Um ano mais tarde, em 1953, **Viana de Lima** projecta o **edifício Costa Cabral**, [I.8] no Porto (fig.52). Interpreta e aplica fielmente as teorias corbusianas e assume simultaneamente a influência da arquitetura brasileira, claramente expressa neste edifício. Viana de Lima, foi uma figura de destaque contexto da demanda da habitação portuense, teve uma participação activa no mítico Congresso português de 1948, apresentando “O Problema da Habitação”, onde reflecte claramente a pretensão da aplicação princípios anunciados na Carta de Atenas e por Le Corbusier. Com um carácter muito humanista, o arquiteto tem a responsabilidade de construir um mundo melhor.⁴²

O escritório dos **irmãos Roberto** foi dos mais criativos ao longo dos anos 40 e 50. Marcelo e Maurício Roberto projectam dois edifícios, também no parque Guinle, donde se localizam, um pouco mais abaixo, os prédios de Lúcio Costa. Edificados em dez pavimentos sobre pilotis, com estrutura de betão armado independente, os apartamentos têm áreas invulgarmente grandes. O edifício Júlio Barros Barreto (1947), implantado na encosta no morro de Botafogo, é um exemplo sublime de encontro de dois blocos com um ângulo distinto, articulados por uma torre de circulação vertical. Dentro da vasta obra deste escritório, se incide na zona central de **Copacabana**, destacando o edifício da **rua Barata Salgueiro**[II.3] (fig.53). Pondo em manifesto directo com o **bloco na Av. de Ceuta** [I.9] (fig.55), de 1946-51 da equipa de arquitetos **Cassiano Barbosa e Arménio Losa**, que ensaiaram de uma forma brilhante a modernidade na cidade do Porto. Neste caso, a equipa demonstra uma enorme sabedoria desde a implantação do edifício com a rua à relação dos volumes salientes na fachada, denunciando o módulo moderno, tal com se assiste no caso carioca.

41_CAVALCANTI, Lauro, Guia de Arquitectura Quando o Brasil era Moderno, 1928-1960, aeroplano editora.

42_ VIANA, Lima, “É nosso dever, como construtores, mas também como humanistas, dedicarmo-nos á nobre tarefa de construir Casas sem exageradas pretensões folclóricas e sem espírito de imitação dos séculos XVII ou XVIII (...) mas sim, a Habitação, em virtude das novas técnicas, presta-se a ser integrada nos elementos de paisagem, ar e luz”. “Quem habita vive: logo a habitação tem que ser reorganizada, de forma a se adaptar aos meios modernos da época” in “1º Congresso Nacional de Arquitectura, relatório da Comissão Executiva, teses, conclusões e Votos do congresso”, Lisboa, Maio/Junho 1948.

[II.2]



49_MOREIRA, Ed. Antonio Ceppas, RJ, f: IL, 2009

[I.8]



51_LIMA, Ed. Costa Cabral, Lisboa, f: IL, 2009

[II.3]



53_MM ROBERTO, Ed. Peru, RJ, f: IL, 2009

[I.9]



55_BRANCO, Ed. Av. Ceuta, Porto, f: IL, 2008



50_ [II.2] FOTO, f: Calvanti



52_ [I.4] f: IL, 2007



54_ [II.3] f: IL, 2009



56_ [I.9] f: IL, 2008



57_ [II.1] f: IL, 2009



58_ [II.2] f: IL, 2009



59_ [I.1] f: IL, 2007



60_ [I.4] f: IL, 2007

O CASO PAULISTA

24 Próximo ao centro de São Paulo, o *Conjunto Residencial da Várzea do Carmo*, de **Atílio Corrêa Lima**, sobressai pela composição racionalista e a disposição dos blocos paralelos (médios e altos), assumindo uma posição rigorosamente racionalista procura a articulação entre a arquitetura e o urbanismo.

O paralelismo e a regularidade aproximam o conjunto brasileiro aos esquemas inicialmente apresentados por Gropius no III CIAM, e alguns dos conceitos mais importantes do movimento moderno que reflectir-se-ão mais tarde no *bairro do Ramalde*, de Fernando Távora na cidade do Porto (não esquecendo que existe um desfasamento de dez anos entre os casos brasileiros e o conjunto de Fernando Távora de 1952). O Ramalde aproxima-se também a nível arquitectónico, desde o edifício à tipologia ao *Conjunto Residencial da Móca* de Paulo Antunes Ribeiro (1942).

No particular *bairro residencial Higienópolis*, de qualidade urbana e arquitectónica elevada, o *Edifício Prudência* [11.3] (1950), de **Rino Levi e Cerqueira César**, sobressai entre outros, afastando-se dos limites laterais do lote, centralizado no terreno. Edifício de grande porte, com nove pisos e quatro unidades habitacionais por piso, denuncia uma forte horizontalidade definida pelas linhas das varandas e apenas quebrada pela marcação vertical da estrutura. O projeto introduz o conceito de planta livre, realizado com uma enorme plasticidade e tem importantes painéis de azulejo nos muros contíguos aos acessos, de forte aproximação ao contexto português. Dado a escala do edifício entra em confronto directo com o projeto lisboeta de **Castro Rodrigues** [1.5], salientando-se a forte horizontalidade dada pela linha das varandas. No entanto, o caso lisboeta assume-se como um conjunto residencial que compõe o comprimento de uma importante avenida e se afasta do caso isolado de Lino. Esta situação é ainda mais acentuada pelo facto, de o edifício paulista hoje estar totalmente encerrado à continuidade do tecido urbano. É uma pena.

Ainda no mesmo bairro, na Praça Vilaboim, encontra-se o notável *Edifício Louveira* [11.4] (1956-60), de **Vilanova Artigas**. Os dois blocos, um com sete e outro com oito andares, foram implantados paralelos, criando um pátio colectivo, local de encontro afastado da rua e da trama urbana da cidade, como um refúgio frente ao caos urbano. "Ele tem uma implantação que todos os meus colegas arquitetos nunca deixaram de elogiar porque assimila a praça, que está em frente, ao interior do edifício".⁴³

Estão ligados entre eles através de uma rampa sinuosa que contrasta com a regularidade dos dois blocos. Andares - tipo sobre pilotis, estrutura independente em betão armada, cortina de vidro e venezianas de madeira que correm verticalmente na sua estrutura.

Um aspecto muito curioso, e quase único no contexto brasileiro, é o facto da planta térrea se encontrar totalmente aberta ao uso público e colectivo. Está extremamente bem cuidada e só existe porteiro no interior dos edifícios. É difícil, mas só prova que quando o desenho é cuidado e rigoroso não é necessário ter barreiras, muros ou grades a fechar o edifício tipo gaiola.

Apesar de o caso da cidade de Lisboa apresentar uma escala urbana diferente, o entendimento sobre este tipo de infra-estrutura atinge em Lisboa um enorme esplendor com o conjunto da *Avenida Infante Santo*, projectado pela exemplar equipa de **Gandra, Pessoa e Manta** [1.10] em 1955. Unem de uma maneira sublime a cidade tradicional a uma imagem urbana moderna, com o rigor da modelação de uma plataforma que separa os blocos residenciais da grande avenida de circulação. Um escalas de grande dimensão surgem acopladas aos muros de suporte tratados plasticamente em painéis urbanos de azulejos (fig.67)

Apresenta os quatro modernos blocos de habitação suspensos sobre a avenida. Entre eles, espaços ajardinados com um forte sentido de colectividade e uma acertada escala residencial. A multiplicação mecânica dos vários blocos, interrompida pelos jardins "suspensos" e intensificada pela curva da Avenida Infante Santo faz deste conjunto um importante marco da arquitectura portuguesa.

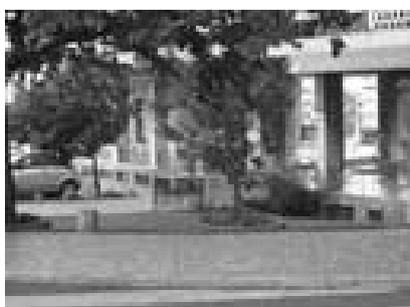
O cuidado arquitectónico patente do desenho dos espaços colectivos aproxima a linguagem de Artigas aos arquitectos portuenses Pádua e Loureiro, particularmente na intervenção do conjunto residencial do Luso. [1.7]

43_ARTIGAS, Vilanova, Instituto Lina Bo Bardi

[11.3]



61_62_LEVI, Rino, Ed. *Prudência*, SP, f: IL, 2009



63_64_[1.5] Lisboa, f: IL, 2007

[11.5]

65_66_ARTIGAS, Ed. *Louveira*, SP, f: IL, 2009



67_[1.10], Lisboa, f: IL, 2008



68_[1.7], f: IL, 2008

O RECIFE E O MODERNO DELFIM AMORIM

26 Um caso significativo é a renovação da arquitetura no Recife, ocorre apenas depois de 1950, principalmente através de dois jovens arquitetos: um vindo do Rio outro de Portugal, Acácio Gil Borsoi e **Delfim Amorim**. Delfim Amorim, arquiteto português e activo membro do grupo O.D.A.M. fixa-se na cidade do Recife, tendo um papel importante a nível de construção, evolução urbana da cidade e no ensino. Assume um papel relevante neste processo, uma vez que indicia a RECIPROCIDADE do processo arquitectónico entre Portugal e o Brasil. Leva toda a cultura da Escola do Porto e adapta e evolui as especificidades locais. "É através da "Composição" que o artista, com efeito, consciente ou inconscientemente, reúne numa síntese os elementos em choque da sua obra. E é também através de uma luta impressionante que consegue humanizar o objecto – obra de arte (...)" ⁴⁴ Desenvolve vários projetos a nível da habitação colectiva, onde sobressai um enorme espírito moderno conjugado com a tradição arquitectónica portuguesa. É prova de isso a vasta exploração plástica do azulejo, o material de eleição de Amorim. Marcado por um grande lado humanista, acredita na arquitetura, não apenas como uma interpretação da realidade, mas como uma consciente posição perante essa mesma realidade, no seu sentido social, político, económico e humano.

Fixa-se no Brasil de 1951 e desde logo as suas primeiras obras revelaram fortes influências corbusianas, conservando um certo ar europeu e uma certa frieza em um País tão cálido, como é o Brasil. No entanto, o ambiente brasileiro modificou o estilo de Amorim, como se reflecte por desde as primeiras obras, como por exemplo no **Edifício Pirapama** em 1956 [II.5] e um ano depois no **Prédio Acaiaca** [II.6].

Estes dois edifícios próximos a nível volumétrico (13 e 11 pisos) apresentam na actualidade fisionomias totalmente distintas ao confrontem a linha da frente da praia: a Avenida da Boa Viagem (edifício Acaiaca) com a zona caótica e intensa do centro urbano da cidade na avenida da Boa Hora (Pirapama). É importante constatar como a localização influi tanto na caracterização de edifícios com a mesma linguagem formal. O Acaiaca, conseguindo contornar as fortes imposições imobiliárias., assume-se hoje como forte referência e ponto de encontro, justamente pelo destaque da sua implantação que foge da vulgar parcela estreita da Avenida.

O **Edifício Pirapama** apresentou-se na época da sua construção, como uma alternativa à tendência de deslocamento das actividades comerciais do centro para os bairros mais próximos. Consta de um edifício de uso misto: garagens no subsolo, lojas comerciais na planta térrea, a sobreloja a escritórios e os demais andares a apartamentos residenciais. Apresenta tipologias de diferentes dimensões de modo a permitir vários tipos de vizinhança. (fig.70)

Em oposição, o piso térreo do **Edifício Acaiaca** vazado quase na íntegra (apenas ocupado pelo volume elíptico dos acessos) e elevado ligeiramente do nível da rua oferecia jardins de grande cuidado arquitectónico à cidade; hoje, como na grande maioria dos casos, totalmente encerrado ao público.

Realça-se o desenho da esquina, ligeiramente chanfrada provocando uma intenção de leveza ao compacto prisma. Pondo em manifesto com um importante conjunto lisboeta de **José Segurado** na **Avenida do Brasil** (1956) [I.11], se encontram paralelismos muito fortes de intenções de projeto no pormenor da esquina e no recurso ao uso do azulejo. (fig.73,74)

Nos anos 60, Amorim seguiu desenvolvendo vários projetos na área da habitação colectiva, nomeadamente das duas avenidas referidas: o **edifício Santa Rita** (1962), na Boa Hora e o **Francisco Vita** [II.7], também na Avenida da Boa Viagem (1967). (fig.75)

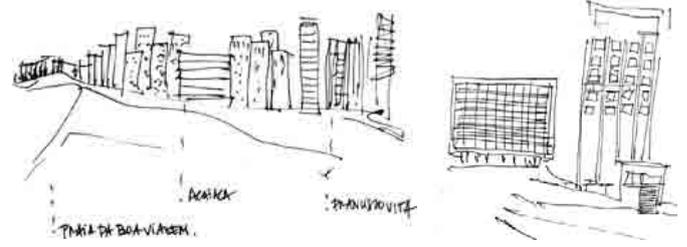
O **edifício Barão do Rio Branco** [II.8] em 1969 constitui a 1ª tentativa nesta cidade, de destruição da forma prismática a que habitualmente conduz a obediência ao Código de Obras da Municipalidade do Recife. ³⁵ (fig.77) A estrutura de suporte é composta por colunas quadradas, de concreto à vista, que jogam com um brilhante padrão do azul luminoso dos azulejos. Neste caso, os apartamentos são de grandes dimensões com cerca de 220m2 cada. A cobertura da garagem (no subsolo) é destinada ao espaço colectivo e de acesso principal ao edifício, uma situação muito similar às torres implantadas no **conjunto do Luso** na cidade do Porto. (fig. 79)

44_SILVA, Geraldo Gomes da et al. Delfim Amorim arquiteto. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil / Departamento Pernambuco (IAB-PE), 1981, p.

45 _ idem, p.80



[11.5]



71_Avenida da Boa Viagem, Recife, ESQUIÇO IL, 2009



69_70_AMORIM, Ed. Pirapama, Recife, f: IL, 2009

[11.6]



72_73_AMORIM, Ed. Acaiaca, Recife, f: IL, 2009



74_[1.11], Lisboa f: IL, 2008

[11.7]



75_76_AMORIM, Ed. Francisco Vita, Recife, f: IL, 2009



[11.8]



77_78_AMORIM, Ed. Barão Rio Branco, Recife, f: IL, 2009



79_[1.7] Lisboa, f: IL, 2008

O CASO DE MACAU: UM TERRITÓRIO ENTRE DUAS CULTURAS

28 **Macau** [III], o último território do Império Português ⁴⁶, pelas circunstâncias particulares da região, pela história específica da presença portuguesa, da relação Europa e da forte proximidade à China, cresceu um território único no mundo. Dividido entre duas culturas, e simultaneamente ligado a ambas, o pequeno território no Estuário do Rio das Pérolas, é uma experiência única quer para o colectivo luso, quer para a forte comunidade chinesa que lá se fixou. Macau foi, durante quatro séculos de presença portuguesa e durante deste período histórico, sofreu grandes transformações urbanísticas e infra-estruturais e até arquitectónicas. Território muito pequeno foi progressivamente ganhando terreno ao mar e tem assistido a importantes conquistas territoriais com as intervenções sucessivas de aterros.

No período do pós guerra, encontrava-se entre dois pólos totalmente distintos: longe e, até um pouco esquecido pela ditadura do governo de Oliveira Salazar e simultaneamente bastante afastado da China comunista.

Macau, comodamente encostado ao jogo, nunca sentiu a verdadeira necessidade de um importante planeamento urbanístico. É certa a existência nos anos 60 da elaboração de alguns planos urbanísticos (alguns elaborados pelo Ministério do Ultramar para as cidades coloniais), como o plano para Porto Exterior de Leopoldo de Almeida ou o elaborado por Garizo do Carmo em 1969, na sequência da urgente necessidade de regular o uso dos solos. José Maneiras e Manuel Vicente, arquitetos portugueses residentes em Macau, elaboram vários planos urbanos nos anos 60, todos experiências interessantes no campo projectual e frustrantes do ponto de vista de concretização. As mudanças e a construção são exageradamente rápidas, provadas essencialmente pelo impacto do jogo. Além disso, aprovada a propriedade horizontal, proliferam por toda a cidade edifícios de cinco pisos (permitido pela normativa macaense) de fraca qualidade arquitectónica e sem base em qualquer tipo de urbanidade.

Salva-se na época a obra notável de alguns arquitetos portugueses como José Maneiras, Chorão Ramalho, Manuel Vicente, Vicente Bravo que continuaram a procura de novos valores arquitectónicos e modernos. Através arquitetura, tal com se assistiu com a expressão de várias outras artes, com intervenções sábias e subtis conseguiu-se encontrar formas de criticar o regime e impor sinais visíveis da modernidade. No entanto, o número mais significativo de casos no âmbito da Habitação Colectiva é referente a projetos para alojar os Funcionários, enviados pelo governo português.

Curiosamente, o primeiro caso macaense considerado como significativo no contexto da Habitação Colectiva é o Edifício Rainha D. Leonor ⁴⁷, projeto de Chan Kuan Pui em 1957. Edifício de 6 pisos, composto na sua totalidade por tipologias duplex. De grandes aproximações formais à Unidade de Habitação de Marselha de Le Corbusier, afasta-se na concretização do desenho da planta térrea, que segue a compactidade comercial da Avenida Infante D. Henrique. A estrutura de concreto à vista, pintada de branco, marca de uma maneira assumida o ritmo do módulo. O vazio em fachada correspondente a cada habitação é apenas ligeiramente fechado com a malha de protecção nas varandas.

O Conjunto de S. Francisco de **José Maneiras** [III.1] (1962-42) existente numa zona muito central de Macau na rua da Praia Grande constitui uma importante referência do contexto macaense. A parcela tem uma área aproximada de 2.100 m² inseridos numa forma triangular. Um edifício mais alto debruça-se sobre o conjunto, dando equilíbrio e escala às peças mais baixas de cinco pavimentos (máximo permitido pela normativa portuguesa sem a obrigatoriedade de elevador). A implantação dos edifícios, contornando as fortes imposições imobiliárias e governamentais, foi determinada pela orientação, o clima e a exposição solar, fortemente condicionada à forma triangular da parcela. (fig.83) A exposição solar e a incidência dos ventos predominantes são factores essenciais na arquitectura mediterrânea como também em territórios tropicais como o caso de Macau. Com vista ao melhor aproveitamento destes factores, o edifício absorve a maior exposição solar de inverno e uma protecção eficiente no verão. O rigor e o cuidado do desenho das aberturas na fachada e nas varandas de modo a permitir a ventilação cruzada no interior das habitações, revelam uma grande mestria e controle do projeto arquitectónico por parte do arquitecto. De uma forma análoga, prolonga o plano das varanda de modo a concretizar palas de protecção à incidência directa solar nos pisos inferiores. (lamentavelmente a maioria das situações foram alteradas em deferimento do poder do ar condicionado). (fig. 82)

46_ Macau é uma Região Administrativa Especial da República Popular da China desde os primeiros momentos da madrugada do dia 20 de Dezembro de 1999. Antes desta data, Macau foi colonizada e administrada por Portugal durante mais de 400 anos e é considerada o primeiro entreposto bem como a última colónia europeia na China.

47_ Em conversa com o arquiteto José Maneiras e com base no levantamento realizado pela a autora até à presente data.

[III.1]



83_[III.1], Macau, PL. LOCALIZAÇÃO,
f: Far East, Architect Builder, April 1965

29

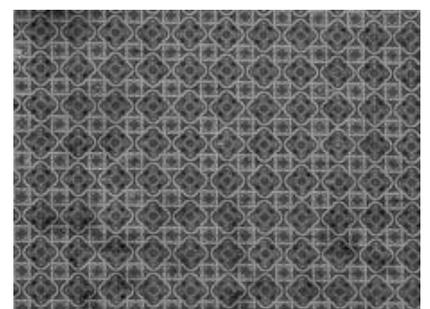


80_81_82_MANEIRAS, José, *Cj. S. Francisco*, Macau, f: IL, 2009



84_[III.1], Macau, PL. BLOCO,
f: Far East, Architect Builder, April 1965

[III.2]



85_86_87_RAMALHO, Chorão, *Torre para os Funcionários*, Macau, f: IL, 2009

Chorão Ramalho aplica assumidamente os princípios brutalistas na **Torre Habitacional para os Funcionários** na Avenida Sidónio Pais (1962-67), uma importante via de trânsito da cidade.

Bastante recuado do limite da rua, uma longa pérgola conduz a rua à entrada do edifício. Através do seu percurso introduz o volume saliente, totalmente forrado a azulejos, apenas aparente a estrutura em concreto. Os acessos verticais recuados em relação ao plano de fachada, rompem o volume e induzem a existência de diferentes tipologias. (fig.85-87)

Manuel Vicente realiza várias obras de habitação na cidade macaense. Uma das grandes Obras, a **Torre para os Funcionários dos CTT** ⁴⁸ [III.3], lamentavelmente já foi derrubada e é, no presente tempo, um grande vazio que dará lugar a mais um casino da cidade. (fig.88)

O programa incluía 44 apartamentos para os funcionários dos Correios. O desenho revela influências do arquitecto Chorão Ramalho, com quem Manuel Vicente trabalhava então. Assumia uma volumetria simples, prismática, recortada pelas ventilações verticais, acentuadas pelas persianas metálicas. Estes tipos de ventilações são essenciais à boa ventilação das habitações, inseridas no clima tropical de Macau. Uma sanca superior em betão rematava o topo dos edifícios, com grandes aproximações formais às torres projectadas por Teotónio Pereira no bairro dos Olivais em Lisboa.

Dez anos depois, o mesmo autor, ao regressar a Macau, projecta e constrói mais três torres, também para funcionários do governo, na zona da Barra [III.4]. Vicente considera-as como uma “releitura” da original torre dos anos 60, redesenhando o projecto inicial com algumas variações. ⁴⁹ (fig. 89)

No entanto, existe do mesmo autor, um o edifício brilhante junto ao importante Mercado Vermelho, na **Avenida Almirante Lacerda**, [III.5] (1962-67). Edifício composto por 18 duplex, com acesso em galeria que fragmenta a volumetria. De estrutura em concreto à vista marcada nos volumes salientes das habitações, apresenta uma fachada totalmente cega à rua, com as janelas dos quartos voltadas para si mesmas. (fig.89-91)

O detalhe das palas junto às janelas, continuando plano de fachada, também em betão, além da função primordial de protecção solar confere intimidade às habitações. Estas particularidades de projeto aproximam-se muito às arquiteturas nos países africanos, como no caso da torre do **João Tinoco** em Moçambique.

Outro projeto habitacional de **Manuel Vicente em parceria com Natália Gomes**, na zona Norte da cidade, foi concretizado com a necessidade emergente de realojamento. [III.6] Surge um bloco compacto de cinco pisos, interrompido pelo vazio dado pelas escadas de acesso às galerias na fachada posterior. (fig.92)

O conjunto de edifícios paralelos entre si consolida a frente para a avenida principal e abre os espaços colectivos ao interior da parcela. As habitações apresentam áreas mínimas, e como aproveitamento do espaço surge na fachada os volumes dos lavatórios. Os vazios existentes inicialmente na fachada dão hoje lugar às mais diversas e imaginativas soluções típicas chinesas de gradeamento para ganhar um pouco mais de espaço, por muito pequeno que seja. Para evitar o subaluguer (corrente nas famílias chinesas) as casas apresentam pequenos desníveis (hoje alguns aproveitados para a realização de mais um espaço)

Manuel Vicente, arquitecto português que trabalha em vários territórios de expressão portuguesa, particularmente na cidade de Goa na Índia e em Macau. Os princípios modernos dos **edifícios residenciais do sector 17** da cidade de **Chandigarh** estão claramente expressos neste conjunto desde a implantação, à escala, à procura da habitação de dimensões mínimas.

Lamentavelmente, praticamente todos os casos existentes de arquitectura moderna em Macau apresentam um enorme estado de degradação acentuado por significativas e sucessivas alterações ao projecto.

Questões económicas sobrepõem-se ao valor patrimonial da arquitectura moderna que, se não se conseguir inverter totalmente o sentido dentro de pouco tempo, perder-se-ão e apagarão para sempre a memória moderna macaense.

Tentaremos. Lutaremos. Esperemos.

48_ “Set Obres modernes de L’Ultramar Portugès. Apèndix”. In Arquitectura del Movimiento Moderno. Registro DOCODOMO Ibèric, 1925-1965, fundación Mies Van der Rohe, Barcelona, 1996.

49_ idem

92_JEANNERET, Pierre, Sector 17, Chandigarh, India, f: IL; 2009



[III.3]

[III.4]

[III.6]



88_VICENTE, Torre CTT,
f: Docodomo ibérico



[III.5]



93_94_95_VICENTE, GOMES,
Bloco de Realojamento, , Macau, f: IL, 2009



89_90_91_VICENTE, Torre Funcionários CTT, , Macau,
f: IL, 2009

“Ao contrário de outras nações colonizadoras da Europa, Portugal manteve por séculos uma débil capacidade de realização, social, económica e civilizadora – mas ironicamente compensada por uma persistente e “discreta” intervenção. (...) Paralelamente (e recorde a surpresa de Fernando Távora nos anos 80) ao descobrir na Índia a espectacular dimensão construída do legado indo-português), esses lugares, a um tempo feitos de civilização, exploração e intercâmbio, foram base para erigir inúmeras peças de arquitetura, das casas às igrejas, dos equipamentos aos Portos e ferrovias, e desde o período manuelino-renascentista até aos mais próximos tempos oitocentistas e da arquitectura moderna.”⁵⁰

Apresentam-se três casos de territórios significativos: os casos fulcrais da cidade de Luanda em Angola e a cidade de Maputo, hoje Lourenço Marques em Moçambique e uma pequena alusão à cidade de Pangim, em Goa na Índia. No entanto, não se excluiu a inserção de outros territórios no âmbito da investigação, consoante a evolução e estratégia do estudo.

Amâncio Guedes, mais conhecido por Pancho Guedes, arquiteto português com relevante projecção internacional, encontrou em Moçambique o ambiente ideal para uma experimentação plástica total, que de certo modo a Europa já não comportava. Criticou o moderno quando ainda não era suposto. Usou-o, colou-o: levou o betão, a planta livre, os pilares, as varandas contínuas e introduziu-os com uma plasticidade mestra na arquitetura local moçambicana. Uma obra singular e peculiar que teve o poder de caracterizar a cidade, particularmente Maputo.

Entre uma obra vasta, destaca-se o **Edifício Tonelli** (1953), bloco isolado de geometria assumidamente moderna dividido pelo volume dos acessos verticais, deslocado dos planos de fachada [IV.1]. A galeria distribui o acesso aos apartamentos que procuram o máximo de funcionalidade com dimensões mínimas. “O Tonelli era um engenheiro de Milão que fugiu de uma prisão de guerra inglesa com um príncipe italiano. Passados uns anos comprou um terreno fantástico e eu é que lhe fiz o projecto. Como o edifício valia muito dinheiro entregou a obra a uma construtora do Banco Nacional Ultramarino. O edifício já estava pronto mas ele devia uma pipa de massa, de forma que o banco tomou conta de tudo, não pagou a ninguém, e fez do edifício o primeiro elemento da sua imobiliária.”

⁵¹ Em 1957, Guedes projecta o **edifício Spence e Lemos**: “O prédio foi desenhado para uma firma estabelecida em Lourenço Marques desde o princípio da corrida ao ouro. O edifício fica numa esquina na Praça McMahon, também chamada Praça dos Caminhos de Ferro. [IV.2] É um edifício de vazios, onde cada companhia aluga um ou dois andares.”⁵² A horizontalidade das linhas entre pisos e a sanca da cobertura entrelaçam as grelhas de protecção solar verticais.

João José Tinoco é outro nome que se destaca pelo seu brilhantismo arquitectónico principalmente também em Maputo, antiga cidade de Lourenço Marques, capital de Moçambique. Praticou uma arquitetura criativa e fiel no quadro da linguagem do Movimento moderno, desenvolveu inúmeras obras de equipamento, comércio e habitação de grande simplicidade e eficácia, que ainda hoje desempenham as suas funções, resistindo ao tempo e ao uso, particularmente no caso concreto e específico da antiga “África Portuguesa”. O **Edifício Avenida**, com a planta térrea recuada em relação ao volume da fachada, solta-se do solo de uma maneira sublime. O terceiro piso, recuado, e os vazios das varandas rompem a compactidade do edifício.

Ao contrário de Amâncio Guedes, João Tinoco trabalhou significativamente para o Estado e para os serviços públicos, apesar de ter também vários casos de habitação colectiva e familiar no âmbito do sector privado.

É sobretudo no século XX que se reforçam e têm verdadeiro êxito as primeiras experiências de implantação urbana no interior dos territórios. Aplicam-se novos, radicais e distintos modelos urbanísticos, sem com isso perder uma intresca continuidade das características tradicionais.

A cidade colonial de Luanda quer reproduzir os modelos de metrópole, no entanto o processo é lento e complicado. Algumas especificidades locais e alguns exemplos chegados da América Latina, principalmente do Brasil – facilitam em Angola a aceitação duma nova linguagem.⁵³

50_FERNANDES, José Manuel, “Arquitectura e urbanismo na África Portuguesa”, Caleidoscópio ed.

51_Catálogo da Exposição “Vituvius Mozambicanos”, Centro cultural de Belém, Lisboa, Agosto 2009.

52_idem

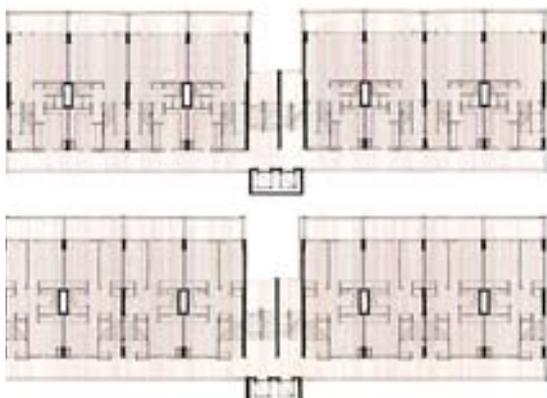
53_COSTA, Vasco Vieira “Luanda:Cidade Satélite n.3”, Faup publicações, p.6



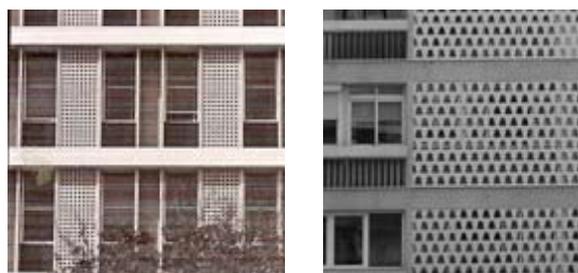
[IV.1]



[IV.2]



96_97_98_GUEDES, *Edifício Tonelli*, Lourenço Marques, f: Catalogo Exposição "Vitruvius Mozambicanos", CCC



99_100_GUEDES, *Edifício Spence Lemos*, LM, f: Catalogo Exposição "Vitruvius Mozambicanos", CCC



[IV.3]



[IV.4]

101_102_VIEIRA, *Ed. Servidores do Estado*, Luanda f: Isabel Castro, "Percurso da Modernidade em Angola"

103_104_VIEIRA, *Ed. Cirilio*, Luanda f: FERNANDES, José Manuel



105_106_LE CORBUSIER, *Unité Habitation Marseille*, f: IL, 2006



107_LE CORBUSIER, *Unité Habitation Marseille*, f: IL

108_[11.7] *Edifício Louveira*, São Paulo, f: IL,

Vasco Vieira da Costa, arquiteto formado pela ESBAP, desde a sua apresentação do C.O.D.A., sobre a cidade satélite de Luanda que indicia o trabalho brilhante que realizará na cidade angolana: “qualificadora da cidade, é uma obra inegável inventiva e perfil moderno, desmultiplicada em inumeros programas e espaços.”⁵⁴ Vieira da Costa simboliza hoje o peso e a força de tudo o que liga o Porto a Luanda. O **edifício Servidores do Estado** é um bloco de habitação colectiva representativo, não só da obra-mestra de Vieira da Costa, mas também um exemplo sublime da aplicação dos princípios do movimento moderno, em Luanda. [IV.3] Implantado paralelamente à avenida Amílcar Cabral, um dos eixos viários principais da cidade e sendo um bloco de habitação de baixo custo, soube adaptar-se ao sítio e as suas especificidades. Um volume simples e o recurso abundante das grelhagens corbusianas, tão justificadas no clima local e principalmente o volume exterior das escadas aproximam claramente a obra à Unidade de Habitação de Marselha.

Adalberto Dias será outro nome sonante da arquitectura portuguesa em Angola. Entre muitos, projectou o **prédio AutoAvenida**, com habitações duplex, na Baixa Luandense. Constrói ainda o prédio Totobola e um bloco de habitações duplex, com clara influencia da Unidade de Habitação de Marselha (Fernandez-1988: será o AutoAvenida?). No entanto, o primeiro edifício (1953-55) da cidade cabe à autoria de Castro Rodrigues: um bloco sobre pilotis, de cobertura obliqua e “sótão”, com um painel de azulejos na empena lateral, situado na praça Luís de Camões “o prédio do Sol, de intensa modernidade”.

Assumindo a limitação de material, o caso de Panjim e Margão em Goa, na Índia constitui um importante campo de exploração. É facilmente reconhecida uma forte herança da cultura portuguesa, e apesar de politicamente um pouco afastado, ainda existem testemunhos válidos da modernidade de expressão portuguesa na cidade de **Panjim**, nomeadamente ao longo da **Rua do Ourém, Rua 18 de Junho e na Rua Santa Inês**.

O caso particular de **Chandigarh**, a cidade por excelência de **Le Corbusier**, particularmente o Sector residencial, sector 17 do plano urbano, projectado por Pierre Jeanneret constitui uma referência fundamental [V.1].

A experiência de “fazer zoom” em pontos específicos dos bairros de habitação colectiva mais paradigmáticos de cada cidade envolvida, e encontrar as similitudes entre os vários conjuntos urbanos: desde os seus princípios de implantação urbana, programa e estrutura, do tratamento plástico dos volumes e características das fachadas ou através do estudo das tipologias. É essencial re-colocar os elementos significativos encontrados, para poder construir o processo evolutivo da habitação moderna não só em Portugal, como a sua difusão pelos territórios de expressão portuguesa. Apoia-se a investigação em diversos ensaios arquitectónicos sobre habitação para a realização do projeto de arquiteturas comparadas. São ensaios desenvolvidos sobre o estudo da habitação colectiva, facilmente reconhecidos mundialmente, que aqui são usados como **sistemas de análise de comparação** a fim de identificar os sistemas de composição, módulos ou ritmos, de uma maneira precisa e coerente entre os diferentes objectos de estudo. Abre-se assim, um novo campo de análise sobre o projeto arquitectónico da habitação colectiva. Baseiam-se:

- Nos vários diagramas resultantes dos famosos **Congressos dos CIAM**, principalmente os três primeiros, uma vez que foram relacionados directamente com a habitação urbana e mínima: a Habitação Moderna, ainda hoje um tema tão actual. Entre eles os diagramas de Ernest May, Alexander Klein, Walter Gropius e Le Corbusier, que permitem o estudo desde a análise urbana até à tipologia.⁵⁵

- No ensaio “**Habitação Evolutiva**” de Nuno Portas dos anos sessenta, que ampliou o âmbito do estudo sobre a sociologia e critica espacial da habitação, é também de referida importância na realização de este trabalho.⁵⁶

- Nos “Cinco pontos para uma nova arquitetura” e a **Unité d’Habitação de Marsella** de Le Corbusier, bem como o Sector 17 da cidade de Chandigarh, na Índia, são utilizados como sistema de medida e comparação, através do seu reconhecimento e identificação mundial.⁵⁷

Quais serão os sistemas de composição que ordenaram arquitetos tão diferentes em localizações tão dispares? Existirão sistemas de proporções iguais entre os diferentes casos de estudo? De que forma influenciaram os diferentes sistemas estruturais na originalidade dos objectos de estudo?

54_ FERNANDES, José Manuel, “Arquitectura e urbanismo na África Portuguesa”, Caleidoscópio ed., p.85

55_ O I Congresso dos CIAM realiza-se em 1928 (Suíça) e debateu-se principalmente os temas do urbanismo do ponto de vista da zonificação e da produção industrial, propondo uma política do solo colectiva. O II CIAM, realizado no ano seguinte em Frankfurt, sob o tema “Estudo da Habitação Mínima” proposto por Ernest May (publica em 1930 com o titulo “Die Wohnung fur Existenzminimum”. O III CIAM realiza-se em Bruxelas com o tema “Divisão racional do solo.”

56_ Publicações de Nuno Portas

57_ Le Corbusier, Por uma nova Arquitectura, Estudos, 2002.



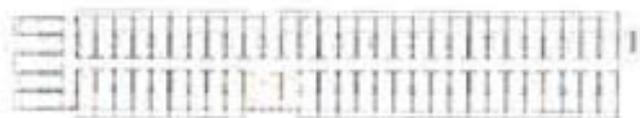
109_GROPIUS, Walter, PL. IMPLANTAÇÃO
f: Edite Figueiredo, Tese Docotrado, ESTAB



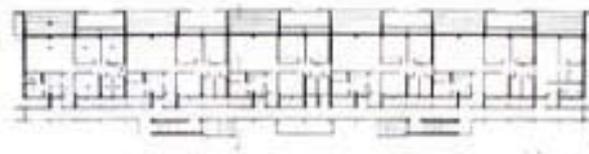
110_TÁVORA, Fernando, PL. IMPLANTAÇÃO
Ramalde f: Casa do Infante, Porto, 1952



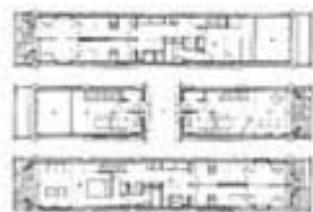
111_COSTA, Vasco, PL. IMPLANTAÇÃO
f: "Luanda Cidade Satélite nº3", 1949



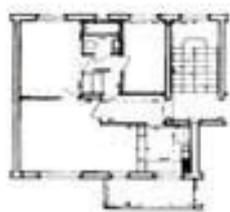
112_LE CORBUSIER_ *Unité Habitation Marseille*, PI. BLOCO, 1947-53
Redesenho IL, ESTAB, 2007



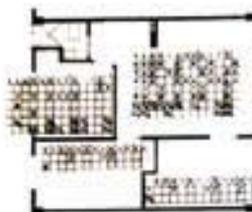
112_COSTA, Vasco, PL. BLOCO, Ed. Servidores do Estado
f: Isabel Castro, "Percurso da Modernidade em Angola"



113_LE CORBUSIER_ *Unité Habitation Marseille*, PI.
TIPOLOGIA, Redesenho IL,



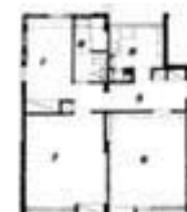
114_KLEIN, Alexander, PI.
TIPOLOGIA, *Durrenberg-Leipzig*, 1931



115_PORTAS, Nuno,
Habitação Evolutiva,
f: Arquitectura



116_TÁVORA, Fernando,
PL. TIPOLOGIA *Ramalde*
Porto, 1952



117_GUEDES, Amancio
TIPOLOGIA *Prometheus*
f: *Architecture d'Aujourd'hui* n.102

BIBLIOGRAFIA

36 BIBLIOGRAFIA GERAL SOBRE EL TEMA

- ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel, A Arquitectura Moderna em Portugal, in História da Arte em Portugal, vol.14, Lisboa Publicações Alfa
- RQUITECTURA DO SÉC.XX, Portugal, Lisboa, Portugal-Frankfurt 97, SA, Deutsches Architekturmuseum, Prestel, 1997
- AMARAL, Francisco Keil, O Problema da Habitação, Porto, Livraria Latina, 1945
- AMARAL, Francisco Keil, Lisboa, uma cidade em transformação, Lisboa, Europa América, 1970
- A Urbanização do Sítio de Alvalade, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, Setembro de 1948
- BACHELARD, Gaston, A poética do Espaço, Martins Fontes Editores, 1993
- BRUAND, Yves, Arquitectura Contemporânea no Brasil, Prespectiva edições, 1981
- CAVALCANTI, Lauro, Guia de Arquitectura Quando O Brasil era Moderno 1928-1960, aeroplano editora
- COSTA, João Pedro, Bairro de Alvalade: um paradigma no Urbanismo Português, FAUTL, Livros Horizonte, 2006
- CURTIS, William, Modern Architecture since 1900, Phaidon Press Limited, 3 edition, London 2000
- FARIA, António, El Problema das Casa EconomicasI, Bibli. Cosmos, 1948
- FERNANDES, José Manuel, "Da Afirmação da Geração Moderna aos Novos Territórios de Intervenção Arquitectónica" in Portugal Contemporâneo, vol.5, Lisboa, Publicações Alfa, 1989
- GUEDES, Pancho, Manifestos, Ensaio, Falas, Publicações, Ordem dos Arquitectos edições
- GRUPO CIAM X, Porto. Uma Comunidade Rural. In Arquitectura, n.64
- KLEIN, Alexander, Vivienda mínima: 1906-1957, Arquitectura/Perspectivas, GG, Barcelona
- E CORBUSIER, Hacia una Arquitectura, Barcelona, Editorial Poseidon, 1977
- LE CORBUSIER, Le Modulor y Modulor 2, Barcelona, Editorial Poseidon, 1980
- LE CORBUSIER, OEvre Complète 1946-52 L'Unité d'Habitation à Marseille 1946-52
- PEREIRA, Teotónio, Escritos (1947-1996, selecção), FAUP publicações
- PIÑON, Helio, El sentido de la arquitectura Moderna/Ideas, edicions UPC, ETSAB, 1997
- PORTAS, Nuno, A Arquitectura para Hoje, Lisboa, Sá da Costa, 1964.
- PORTAS, Nuno A cidade como Arquitectura, Lisboa, Livros Horizonte, 1969.
- PORTAS, Nuno Arquitectura(s) Teoria e Desenho, Investigação e Projecto, Porto, FAUP Publicações, 2005.
- RAMALHO, Pedro, Itinerários, 2ªed., Porto, Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1989
- RICHARDS, J.M., Introdução à Arquitectura Moderna, Porto, Edições CIAIM – Porto, 1960
- SEGAWA, Hugo, Arquitecturas no Brasil (1900-1990), edusp
- TÁVORA, Fernando, O Problema da Casa Portuguesa, Porto, Cadernos de Arquitectura, 1947
- TÁVORA, Fernando, Da Organização do Espaço, 2ªed., Porto, Edições ETBAP, Porto, 1982.
- TÁVORA, Fernando, Lisboa. Editorial Blau, 1993
- XAVIER, Alberto, Depoimento de uma Geração, arquitectura moderna brasileira, Cosac & Naify (compilação excelentes de textos originais da época de autores brasileiros e outros que influenciaram o Brasil)
- VICENTE, Manuel, O Exercício da Cidade. Arquitectura de Macau, 1976-1979I, Lisboa, Arco, 1979
- ZEVI, Bruno, A Linguagem Moderna da Arquitectura, Lisboa, Dom Quixote, 1984.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Arquitectura, 2ª série, Lisboa 1948-1957; 3ª série, 1957-1974
 Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação, Lisboa, 1952-1957.
 Arquitectos – Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa, 1938-1940
 Binário, Lisboa, 1958-1962
 Jornal dos Arquitectos, Lisboa, 1981-1997
 RA – Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 1987
 Informes de Construcción – Madrid
 Quaderns d'arquitectura i Urbanisme, Barcelona
 L'Architecture d'Aujourd'hui - Paris
 Architectural Review – Londres
 Architectural Design – Londres
 Acrópole – Brasil
 Projecto – Brasil

BIBLIOGRAFIA DA AUTORA RELACIONADA COM O TEMA:

- 1_ “El espacio habitable de la Vivienda: análisis formal entre espacio (colectivo/privado) y ocupación”. Tese Mastrado apresentada em Outubro de 2004 no Mestrado de la Fundación UPC “Laboratorio de la Vivienda del siglo XXI”, ESTAB-UPC. Directores Master: José María Montaner y Zaida Muxi.
- 2_ Colaboração durante o curso 2006/2007 no Grupo de Investigación “La Forma Moderna” de la ESTAB-UPC, en el Proyecto del AEI “Intercampus” entre la UNL de Santa Fe, Argentina y la ETSAB-UPC de Cataluña, e cuyos resultados culminaram com a publicação: “Vivienda Social y Arquitectura Moderna: Argentina y Cataluña. 1930-1970”. Directores Grupo de Investigación: Helio Piñón y Teresa Rovira.
- 3_ “Cuando Lisboa era moderna, a través de la vivienda colectiva del barrio de Alvalade entre 1947-1967” Tese Final de Mestrado apresentada em Outubro de 2007 no Mestrado Oficial “Teoría y Práctica del Proyecto de Arquitectura” na linha de investigação “Forma Moderna” dentro do programa de pós graduação do Departamento de Proyectos Arquitectónicos de la ESTAB-UPC.
 Tutora Tese: Teresa Rovira.
 A tese pode ser consultada através do Portal de acceso aberto ao conhecimento da UPC, com a seguinte direcção: <http://upcommons.upc.edu/handle/123456789/120541>
- 4_ Publicação da conferência “Cuando la vivienda colectiva era moderna, a través de la experiencia luso-brasileña”, junto às demais conferências levadas a cabo dentro do Seminário de “Expertos en América Latina y Cataluña para debatir la Conservación y futuro de la Vivienda Social Moderna”. Publicação FORM da ESTAB-UPC, Outubro 2008.
- 5_ Artigo “Cuando la Vivienda Portuguesa era moderna através de la dualidad de las escuelas de Lisboa y Oporto”. Revista M da Universidad Santo Tomás, Colombia. (breve publicação).